



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC**

**O LIVRO DIDÁTICO E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DA  
LÍNGUA PORTUGUESA, NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO,  
DO COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA – FORMOSA- GO**

**ELIZABETH GOMES XAVIER**

**Planaltina-DF**

**2013**

**ELIZABETH GOMES XAVIER**

**O LIVRO DIDÁTICO E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DA  
LÍNGUA PORTUGUESA NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO  
DO COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA –FORMOSA – GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial a obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

**Orientadora: Profª Drª: Rosineide Magalhães Sousa**

**Planaltina-DF**

**2013**

**ELIZABETH GOMES XAVIER**

**O LIVRO DIDÁTICO E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DA  
LÍNGUA PORTUGUESA NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO  
DO COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA –FORMOSA – GO**

Monografia a ser apresentada ao Curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profª. Drª. Rosineide Magalhães Sousa (Orientadora)**

---

**Prof. Dr. Djiby Mané (Examinador)**

---

**Profª. MsC. Ana Aparecida Moura**

**Planaltina-DF**

**2013**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha querida e amada mãe que, em seus sonhos, conseguia enxergar, pelo menos um de seus filhos, como costumava dizer, “*cursando o ensino superior e recebendo o diploma da vitória*”. Assim, acreditando no meu potencial, sempre procurou, de forma paciente e carinhosa, me ajudar com as suas valiosas orientação e incentivos na busca da superação das minhas dificuldades e limitações de todos os gêneros. Valeu minha Mãe.

Ao meu Pai, que sempre me ensinou os mais importantes valores da vida, tais como o amor, o respeito, força para lutar e me fazendo acreditar que a vitória é só uma questão de tempo. Valeu meu Pai.

Aos meus três filhos Pedro, Erick e Ericka que, compreendendo a importância deste momento para mim, além de suportarem os inúmeros dias de minha ausência em razão dos estudos, me encorajavam ajudando a superar as dificuldades decorrentes, por acreditarem que não existem conquistas sem renúncias, sem lutas.

Ao meu querido amigo Raimundo, conselheiro e fiel escudeiro, pelo seu valioso e imprescindível apoio em toda essa minha trajetória.

A toda minha família que, acreditando em meu potencial, me deu forças para que eu chegasse aqui.

Ao Colégio Estadual Vale da Esperança, a todos o seu corpo docente e discente, que acolheram a mim e aos meus filhos, oferecendo um ensino voltado para a vida e abrindo as portas para o conhecimento, fato que me permitiu estar aqui me capacitando e acreditando no meu possível retorno como agente multiplicadora do ensino e da aprendizagem naquela comunidade rural.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pelo dom da vida e pela concessão de todas as minhas vitórias, pela oportunidade de chegar até aqui e por me fazer acreditar que Ele é o nosso Pai e poderoso para nos dar infinitamente mais do que precisamos, do que pensamos, do que sonhamos...

A todos os Professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, em especial aos da área de linguagem pela atenção, paciência e, verdadeiramente, por acreditarem no nosso potencial e compreenderem a importância deste curso para a vida de cada um de nós. A todos eles no nosso muito obrigado.

A todos os companheiros e colegas de luta, por acreditarem que a educação é a principal ferramenta para transformação e valorização do homem na construção de uma sociedade mais justa e igual e, em especial, à pessoa de Mônica Castagna Molina, que juntos lutaram para que fosse possível a realização do curso de Licenciatura em Educação do Campo aqui na UNB tornando, assim, possível a nossa qualificação superior.

A minha Professora Orientadora Rosineide Magalhães, pela atenção, amizade e confiança, pelo exemplo de ser humano, pela postura de educadora, pela dedicação, delicadeza, compreensão, e pela sua evidente fonte inspiradora do saber.

Ao professor Djiby Mané, pelo interesse sincero em nos ajudar a fazer este trabalho, pelas sugestões e provocações, que nos fizeram aceitar o desafio deste estudo como objeto de minha pesquisa.

A todos os companheiros das Turmas: Dandara, Zumbi dos Palmares, Panteras Negras, Andréia Pereira e a Turma seis. Máxime, às minhas colegas da Sociolinguística, Cristiane Pielke, Luzinete, Edinamar e Elaine Muller.

A Capes, pela Bolsa de Estudos concedida pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que foi um importante suporte para se tornar possível a realização deste trabalho e conclusão deste curso.

*“O real estado da língua é como o das águas de um rio, que Nunca param de correr e de se agitar, subindo e descendo Conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por Cachoeiras, a se estreitar entre montanhas e a se alargar Pelas planícies”.*

**(BAGNO, 2007)**

*A Língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama a estultícia. A língua serena é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito.*

**(Provérbios, 15)**

*“O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante”.*

**(Bortoni-Ricardo, 2005, p.15)**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES = Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPE = Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

ITERRA = Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa na Reforma Agrária

LEdoC = Licenciatura em Educação do Campo

LDB = Lei de Diretrizes e Bases

MEC = Ministério da Educação

PIBID = Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNE = Plano Nacional de Educação

PRONERA = Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

UnB = Universidade de Brasília

CETEC = Centro Transdisciplinar de Educação do Campo

## **NORMAS DE TRANSCRIÇÃO**

... = pausa maior

.. = pausa menor

[...] = discurso suprimido

Os nomes dos colaboradores foram abreviados para preservar a identidade dos mesmos.



## RESUMO:

Neste trabalho são abordados os conceitos da Sociolinguística e seu objeto de estudo: a fala (parole) visando, analisar as variações linguísticas existentes na turma da 1ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Vale da Esperança, bem como também analisar o livro didático de Língua Portuguesa utilizado como recurso pedagógico da referida turma, objetivando conhecer como é abordado o ensino da língua e os pressupostos da Sociolinguística. As razões que motivaram a realização deste trabalho se deram a partir de observações enquanto professora - pesquisadora neste contexto de pesquisa, tendo sido notório a gama de variações linguísticas existentes entre os falantes. A pesquisa é de cunho qualitativo e se fundamenta na Sociolinguística baseado em Bagno (2002, 2007, 2011); Bortoni-Ricardo (2004 e 2005); Sousa e Vellasco (2007) Calvet (2007); Antunes (2003). Enquanto professora-pesquisadora em sua prática e o aprofundamento da sociolinguística e seus pressupostos, podemos perceber o que se ensina no livro didático, relacionando com as falas dos estudantes pesquisados e dialogando com os teóricos, pois existe uma variação e transformação na língua no decorrer do tempo. Instigando assim, outra forma de trabalhar a sociolinguística no Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Livro didático. Educação do Campo. Licenciatura em Educação do Campo.

## **ABSTRACT**

This work examines the concepts of sociolinguistics and its object of study: speech, to identify existing linguistic variations in the class of 1st year of high school, the State College Valley of Hope, as well as investigating the textbook Portuguese Language used as pedagogical method of that class in order to study how it is approached teaching the language and assumptions of Sociolinguistics. The reasons that motivated this work is given from observations as a teacher - researcher in this research context, having been notorious range of existing linguistic variations between speakers. The research is a qualitative one and is based in based in Bagno Sociolinguistics (2002, 2007, 2011) ; Bortoni - Ricardo (2004 and 2005) and Sousa Vellasco (2007) Calvet (2007), Ali (2003). While teacher - researcher in his practice and the deepening of sociolinguistics and its assumptions , we can see what is taught in textbooks , relating to the statements of the students surveyed and dialoguing with the theoretical , since there is a variation and change in language over time . Instigating thus another way of working sociolinguistics in high school.

Keywords: Linguistic Variation. Textbook. Field Education. Bachelor in Rural Education

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – METODOLOGIA .....	16
1.1. Pesquisa Qualitativa .....	16
1.2. Objetivo Geral.....	18
1.3. Objetivos Específicos.....	18
1.4. A pergunta de pesquisa .....	19
1.5. Colaboradores de Pesquisa.....	19
1.6. A Escola: Colégio Estadual Vale da Esperança .....	19
1.7. Aulas de Língua Portuguesa.....	21
CAPÍTULO II – CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	24
2.1. O contexto do processo histórico da educação brasileira a superação das lutas sociais e a conquista da educação do campo .....	24
2.2. A Licenciatura em Educação do Campo .....	26
2.3. A minha memória.....	28
CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	30
3.1. Língua Materna, Variação e Ensino.....	30
3.2. Sociolinguística: uma introdução crítica.....	30
3.3. Variedades linguísticas .....	32
3.3.1 Variações Linguísticas .....	33
3.3.2 Níveis de Variações .....	34
3.3.3 Fatores Extralinguísticos.....	35
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS.....	37
4.1. Variação fonético-fonológica.....	37
4.2. O livro didático .....	54
4.3. Análise sobre variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTAS .....	61
REFERÊNCIAS .....	62
APÊNDICES .....	63



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em analisar os diferentes modos de expressão na fala dos estudantes da 1ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Vale da Esperança e também analisar o livro didático de língua portuguesa utilizado pelos estudantes da referida turma.

Para tanto, este trabalho objetiva subsidiar a minha pesquisa como professora pesquisadora, além da necessidade de observação dos diferentes modos de fala dos estudantes, no cotidiano das aulas de língua portuguesa ministradas por mim.

A minha prática docente deu-se a partir do conhecimento empírico e científico adquirido ao longo dos anos de atuação no campo educacional. A inserção na LEdoC tem contribuído, em muito, para o meu crescimento docente e, por conseguinte, para o melhor conhecimento dos estudantes quanto à sociolinguística e a valorização das suas variadas formas de falar.

Assim, o estudo de fala naquela unidade escolar tem como foco conhecer as variedades linguísticas utilizadas por esses falantes, assim como o de averiguar quais os conceitos que eles trazem sobre a língua.

A língua não é algo pronto e acabado por se tratar de um instrumento que está em constante transformação. Portanto, se ela fosse, estaríamos ainda hoje falando o mesmo português que encontramos nas obras dos grandes e conhecidos autores literários tais como Luís Vaz de Camões e seus demais contemporâneos literatos ou, até mesmo, a linguagem que os portugueses utilizaram para se expressar quando desembarcaram com suas caravelas nas costas do Brasil.

No entanto, no território Brasileiro existem cerca de 170 diferentes línguas faladas, entre línguas indígenas, línguas européias e outras línguas. Porém, existem variações linguísticas como, por exemplo, a forma de falar do povo goiano é diferente da forma falada pelo paulista, que é diferente do carioca, que é diferente do pernambucano e assim por diante.

Em que pese na variedade da língua portuguesa utilizada por diferentes estados brasileiros, todos nós compreendemos, pois, o que muda é a expressão sonora, em certos casos, ocorrências lexicais e semânticas em outra parte, isso se dá de acordo com origem geográfica e a sua cultura das pessoas.

Assim, a língua varia de um lugar para o outro permitindo-nos observar, por exemplo, a fala característica dos diferentes estados brasileiros e, ainda, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado. Outro fator importante a ser considerado é, também, a origem rural ou urbana do falante. De acordo com Bagno (2007, p.43)

“todas as variantes da língua portuguesa possuem personalidades próprias; são igualmente belas e autênticas, não cabendo a ninguém julgar se (esta) ou (aquela) é a melhor e mais correta, isso seria um preconceito linguístico”.

Este trabalho é de cunho qualitativo, no qual foram realizados procedimentos etnográficos para registro e coleta de dados. Para a coleta dos dados apresentados foram realizadas gravações de conversas informais, questionário e entrevistas, por meio de uma pesquisa etnográfica.

A sua realização se deu por meio da utilização de grupo focal, valorizando o processo de entrevista coletiva em uma turma específica, ou seja, 1ª série do ensino médio, na qual atuo como professora regente de língua portuguesa.

Portanto, tornou possível um processo interacional, valendo-se da criação de um campo interativo próprio ao grupo que é a escola.

Este trabalho objetiva subsidiar a minha pesquisa como professora pesquisadora, além da necessidade de observação dos diferentes modos de fala dos estudantes. Entretanto, ele foi produzido também por meio de observações no cotidiano das aulas de língua portuguesa por mim ministradas, para averiguação e compreensão das variações linguísticas dos alunos, de acordo com suas vivências e também a partir da investigação dos conceitos da sociolinguística trazidos no livro didático utilizado por eles. E em contraponto será apresentado um estudo à luz da sociolinguística, fundamentada em Bagno (2002, 2007, 2011) e Bortoni-Ricardo (2004 e 2005).

Ao analisar o livro didático, foi possível verificar que este aborda importantes noções de variações linguísticas.

As razões motivadoras para a realização deste trabalho surgiram a partir dos estudos dos pressupostos da sociolinguística e das minhas experiências como educadora, que, ao utilizar o livro didático de Língua Portuguesa tornou-se perceptível que esse aborda noções de variações linguísticas. E também após

observar o preconceito existente entre os estudantes que se utilizam de diferentes formas de falar, tendo em vista serem eles filhos de camponeses e moradores do campo.

Objetiva-se neste trabalho, a contribuição para o conhecimento, reconhecimento e a valorização dos pressupostos da sociolinguística e o crescimento no ensino aprendizagem de língua portuguesa na comunidade escolar.

O presente trabalho monográfico está subdividido em quatro capítulos: O primeiro capítulo aborda os métodos utilizados para a sua realização. No segundo capítulo, é feita uma abordagem sobre o contexto histórico da educação do campo em um processo de lutas para efetivação ao direito à educação dos povos do campo e ainda, um breve histórico sobre a minha inserção neste contexto, antes e após o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Quanto ao terceiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica trazendo os conceitos de alguns teóricos que abordam a sociolinguística.

Já o quarto capítulo apresenta a análise dos dados coletados para a efetivação deste trabalho monográfico, ou seja, a análise das variedades linguísticas dos jovens estudantes, bem como dos níveis linguísticos e a variedade linguística e variação no livro didático, utilizados pelos respectivos estudantes da 1ª série do ensino médio do Colégio Estadual Vale da Esperança, Município de Formosa – GO.

## CAPÍTULO I

### METODOLOGIA

Neste capítulo registra-se o teor, ou seja, o método utilizado na realização da pesquisa, para a efetivação deste trabalho monográfico.

#### 1.1-Pesquisa qualitativa

Este trabalho tem como objetivo a metodologia de pesquisa qualitativa valendo-se, especialmente, de procedimentos etnográficos para registro e coleta de dados.

A etnografia, de caráter qualitativo, tem raízes na antropologia, sendo definida como a ciência que estuda, descreve, interpreta e classifica cultura ou povos.

O termo etnografia é constituído por dois radicais oriundos do antigo grego: ethnoi e graphos; o primeiro quer dizer os 'outros' e o segundo significa 'escrita', 'descrição' e 'registro'.

No final do século XIX, foram realizados os primeiros trabalhos pelos antropólogos, com a utilização deste método, obtendo-se maior destaque no início do século XX, através dos trabalhos realizados por alguns pesquisadores.

Entretanto, esses trabalhos, marcaram o início da utilização do interpretativismo na pesquisa das ciências sociais.

Conforme a proposta de pesquisa de algumas áreas do conhecimento a etnografia convencional atualmente vem atualizando-se e ganhando espaço no contexto educacional devido a sua utilização por antropólogos, sociólogos e linguistas.

A etnografia educacional propõe como metodologia de trabalho em um determinado ambiente de pesquisa a observação, a descrição, a análise e a interpretação.

Na realização da pesquisa etnográfica para este trabalho monográfico, optamos pela câmera fotográfica, gravador, computador e entrevista a partir de questionários e textos extraídos do livro didático de Língua Portuguesa; Os três primeiros recursos tecnológicos foram utilizados para registros espontâneos dos



contribuintes da pesquisa. Já a entrevista com questionário para conhecer um pouco mais do contexto histórico dos contribuintes.

A etnografia pode ser realizada dentro de um pequeno grupo focalizando em um contexto menor captando diferenciadas situações dentro de uma sala de aula e o grande grupo é possibilitado focalizar o estudo de uma sociedade complexa de maneira ampla. Caracterizamos essa pesquisa como pequeno grupo, por que focalizamos um contexto menor dentro do universo da escola.

A sua realização se deu por meio da utilização de grupo focal, onde se valorizou mais o processo de entrevista coletiva dentre grupos estruturados.

Houve também um processo interacional, valendo-se da criação de um campo interativo próprio ao grupo, que, embora focado em um tema que é a sociolinguística, oportunizou trocas de opiniões em um processo comunicativo flexível aos colaboradores da pesquisa.

As sessões de grupo foram realizadas na escola e seguiram-se em uma gama de opiniões, com questões semi-estruturadas através dos conceitos da sociolinguística. Neste sentido, segundo Powell e Single (1996, p. 449) citados por Gatti (2012, p.7), um grupo focal “é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

Ou seja, neste mesmo diapasão, (KITZINGER, 1994, apud, GATTI, 2002, p. 7) diz que “o grupo é focalizado, no sentido de que envolve algum tipo de atividade coletiva, como assistir a um filme e conversar sobre ele, examinar um texto sobre algum assunto ou debater um conjunto particular de questões”.

Para tanto, o referido trabalho objetiva subsidiar a minha pesquisa como professora pesquisadora, além da necessidade de observação no cotidiano das aulas de língua portuguesa por mim ministradas, dos diferentes modos de fala dos estudantes da 1ª série do ensino médio, do Colégio Estadual Vale da Esperança onde será, também, necessário proceder à investigação do livro didático de língua portuguesa adotado pela escola e utilizado pelos seus alunos.

A minha prática docente deu-se a partir do conhecimento empírico e científico adquirido ao longo dos anos de atuação no campo educacional. A inserção na LEdoC tem contribuído para o meu crescimento docente e, por conseguinte, para

o melhor conhecimento dos estudantes quanto à sociolinguística e a valorização das suas variadas formas de falar.

Assim, o estudo de fala na unidade escolar acima citada, tem como foco conhecer as variedades linguísticas utilizadas por esses falantes, bem como o de averiguar quais os conceitos que eles trazem sobre a língua. Os dados coletados se deram por meio de gravações das conversas informais, entrevistas, pesquisa etnográfica e de análise do livro didático, com base na sociolinguística interacional e variacionista, visando buscar, assim, o mais fiel e completo resultado possível.

Assim, tais realizações estão ligadas aos feitos metodológicos dos estudos que abordam questões relacionadas ao tema de acordo com a pesquisa qualitativa, que tem como objetivo analisar, interpretar dados de pesquisa. A base teórica que fundamenta este trabalho são os pressupostos dos conceitos da sociolinguística trabalhados por Bagno (2007) que aborda a língua e suas respectivas variações linguísticas, defendendo a linguagem do senso comum, sem desconsiderar a forma padrão.

## **1.2 - Objetivos gerais**

Analisar as variedades linguísticas dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Vale da Esperança, bem como também analisar o livro didático de Língua Portuguesa, utilizado por esses alunos, no sentido de verificar o que ele traz sobre a variação linguística.

## **1.3 - Objetivos específicos**

- ✓ Analisar as variedades linguísticas de adolescentes de 15 a 23 anos, da turma do 1º ano, do Ensino Médio, do Colégio Estadual Vale da Esperança.
- ✓ Analisar o livro didático de Língua Portuguesa, no que diz respeito à variação linguística, estudado por essa turma.

## **1.4- A pergunta de pesquisa**

Como o livro didático de língua portuguesa aborda noções de variedade linguística e como é ensinado na escola?

### **1.5 – Colaboradores de pesquisa**

As pessoas que colaboraram para a realização deste trabalho são todas estudantes da primeira série do Ensino Médio do Colégio Estadual Vale da Esperança, sendo quatro do gênero feminino e seis do gênero masculino, com idade mínima de quinze anos e máxima de vinte e cinco anos, totalizando dez colaboradores.

É um grupo de falantes etnicamente homogêneos por se tratar de falantes oriundos da mesma região, ou seja, nasceram no município de Formosa estado de Goiás. Portanto são todos goianos, filhos de pais goianos e mineiros.

### **1.6- A escola: Colégio Estadual Vale da Esperança**

O Colégio Estadual Vale da Esperança é uma instituição pública, com fins educacionais que, atende estudantes do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio e está localizado, na Área Social I do Projeto de Assentamento Vale da Esperança a 70 quilômetros de distância do município de Formosa-Goiás.

Com a criação do Projeto de Assentamento na Fazenda Vale da Esperança, próximo à Fazenda Água Doce, no dia 15 de Julho do ano de 1996, a comunidade se organizou e lutou para ter o direito de acesso ao ensino, pois as famílias do respectivo assentamento perceberam que os seus filhos precisavam estudar e porque acreditam que, a educação é primordial na vida das pessoas.

Diante das dificuldades enfrentadas neste período e havendo muitos filhos jovens, morando com familiares na cidade para darem continuidade aos estudos. Os moradores, assentados e pais de estudantes, decidiram que para o desenvolvimento da comunidade e principalmente a permanência das famílias no meio rural, a educação seria de suma importância.

Iniciou-se então uma longa e penosa jornada de mobilizações e reivindicações junto aos órgãos públicos, com reuniões e audiências, solicitando a implantação das séries iniciais do Ensino Fundamental e posteriormente - séries finais.

Foram criadas, no segundo semestre do ano de 1997, turmas de 1ª a 4ª séries do primário que passaram a ser atendidas em uma antiga casa de três cômodos, que foram transformados em duas salas de aula e uma cantina, garantindo assim, que as crianças, filhos dos assentados obtivessem o tão esperado acesso ao ensino.

Em março do ano de 1999, os pais e comunidade se organizaram em um trabalho coletivo, como forma de mutirão na construção de um galpão para funcionamento de salas improvisadas para atender esses jovens que estariam cursando a segunda fase do ensino fundamental, ou seja, do 5º ao 8º ano, pois a primeira fase a prefeitura de Formosa, atendia pela Escola Municipal Fazenda Água Doce, já então localizada dentro do Assentamento Vale da Esperança.

Neste mesmo ano, educadores, pais e alunos mobilizaram-se na conquista para melhores condições educacionais, bem como, a construção da Escola Municipal 15 de Julho e como forma de pressionar o Poder Público, acamparam em frente à Prefeitura Municipal de Formosa, onde os educadores ministravam aulas embaixo de uma árvore plantada na praça pública, em frente o prédio da administração.

Foi improvisado um galpão para o funcionamento provisório de salas anexas do Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa com recursos angariados pelos assentados em forma de doações, bem como, madeiras e dinheiro para a aquisição de matéria- prima e pagamento da mão de obra para a sua construção que foi realizado em um espaço localizado à oito quilômetros de distância do primeiro acampamento e à dez quilômetros da Escola Municipal Fazenda Água Doce.

No ano de 2004, foi fundado o Colégio Estadual Vale da Esperança, como forma de atender as reivindicações dos moradores do Assentamento com educadoras oriundas do assentamento e que residiam próximo à Escola, contribuindo ativamente na luta e conquistas da educação local.

De acordo com os pais, o ensino era de qualidade, pois os educadores eram comprometidos com o ensino – aprendizagem dos estudantes e tinham uma proposta de educação voltada para a realidade dos estudantes, sendo inspirada por Paulo Freire.

A metodologia de ensino utilizada pelos educadores proporcionou melhorias na qualidade de vida dos estudantes, desenvolvendo neles a criticidade, tornando-os sujeitos protagonistas de sua própria história.

Ao final de 2004 a 2010 ocorre uma ruptura desta prática, com a chegada de uma diretora que residia na cidade de Formosa-Goiás, que infelizmente desconhecia a realidade e o processo histórico de luta pela educação dentro do Assentamento.

Neste sentido, a prática da escola torna-se uma educação bancária e opressora, distanciando a escola da vida dos estudantes e da comunidade, transformando-se em uma escola excludente, criando assim, nos estudantes expectativas de migrarem do campo para a cidade. No ano de 2011, surgem tentativas de se construir uma filosofia de educação que esteja direcionada ao campo, consolidando-se em 2012.

Atualmente o Colégio Estadual Vale da Esperança, atende a 80 estudantes das séries finais do Ensino Fundamental de nove anos e 46 estudantes do ensino médio, totalizando 126 estudantes e 20 funcionários, sendo: um diretor, um secretário, um auxiliar de secretaria, dois coordenadores pedagógicos, nove professores e seis servidores.

### **1.7- Aulas de língua portuguesa:**

Este subtópico aborda as práticas pedagógicas nas aulas de língua portuguesa, ministradas pela professora pesquisadora, com intuito de equiparar o antes e o depois de conhecer os conceitos da sociolinguística.

Uma das principais reflexões que me trouxe total inquietação e análise crítica da minha própria prática e em relação ao meu fazer pedagógico foi a maneira como me propus a educar para um sistema opressor e totalmente alienador que desumaniza, desvaloriza o ser e o saber pré existente.

Educar requer uma espécie de estado de espírito permanente, os meios e os procedimentos concretos de levar tais discussões à prática da sala de aula e, não só, até a escola como um todo, serão dia a dia pensados, descobertos, inventados e reinventados conforme as circunstâncias particulares de cada situação, de cada meio geográfico e social. (ANTUNES, 2003, p. 35).

O uso do livro didático passa a ser bastante comum nas escolas atualmente, facilitando a vida do professor e tornando-se como a “tábua de salvação” para professores que assumem o papel de sujeitos no processo de ensino, com sobrecarga de trabalho e na maioria das vezes despreparados. Neste sentido, Antunes (2003, p.124) discorre: “O livro didático e a sobrecarga de trabalho em sala de aula, deixaram o professor sem oportunidade de criar seu curso, nada tinha que ser inventado, tudo estava lá”.

Portanto, é possível perceber grandes necessidades de rever as minhas práticas pedagógicas, enquanto sujeito nesse processo.

Pois, nos dias atuais, ainda nos deparamos com essa realidade de professores despreparados e sobrecarregados de trabalho, e que se preocupam apenas em seguir uma matriz curricular voltada para as escolas urbanas, sem se importar com cada realidade local e específica, mantendo-se restritos somente ao livro didático por faltar-lhes preparo e tempo de planejar uma aula diferenciada, com atividades complementares e a utilização de materiais diversificados. De acordo com Antunes (2003, p. 17)

[...] ainda há uma falta de política pública de valorização do trabalho do professor, reduzido, quase sempre à tarefa de dar aulas, sem tempo de ler, pesquisar ou estudar. Passando e repassando pontos do programa, para depois cobrar no dia da prova em um cenário nada convidativo.

Neste sentido, enquanto professora pesquisadora deste processo de ensino foi possível perceber em mim essa prática de total reprodução, dispondo apenas de material didático com textos de escritas vazias, palavras soltas e frases inventadas que não dizem nada, porque, não remetem à vida e que estão totalmente fora do contexto da realidade dos estudantes.

Portanto, procuro ressaltar que após a minha inserção no curso da LEdoC, tornou-se possível a compreensão, de que o professor não deve manter-se restrito somente a este material, entretanto faz-se necessário pensar em usos diferenciados além do que o livro didático possa proporcionar-lhe bem como alterações sequenciais, atividades complementares e diversos aspectos da realidade local; bem como o próprio ambiente de fala dos estudantes, fazendo das palavras a mediação

entre cada falante com quem se faz a ponte entre quem fala e quem escuta, através das narrativas da história de vida de cada estudante, garantindo o direito da autoformação para que haja um verdadeiro saber e as atividades educativas devem conduzir os estudantes a serem sujeitos críticos, pensantes e reflexivos.

Pois as pessoas quando falam, não têm a liberdade de inventar, cada fala a seu modo as palavras, sem ter a liberdade irrestrita de colocá-las em qualquer lugar, ou mesmo de compor, de qualquer jeito, seus enunciados. Falam, todas elas, conforme as regras particulares da gramática de sua própria língua, independente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento cultural e econômico da comunidade de fala, pois não existe língua sem gramática.

Entretanto, a prática docente numa sala de aula precisa estar vinculada à vida de cada sujeito que mesmo sendo do campo, reconheça e torne-se legítimo todos os saberes construídos a partir de suas experiências de vida.

O capítulo a seguir abordará um pouco do contexto do processo histórico da educação brasileira, a superação das lutas sociais e a conquista da educação do campo e um breve histórico da minha inserção neste contexto a partir do Curso de Licenciatura em Educação do Campo

## CAPÍTULO II

### CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Neste capítulo, faz-se uma abordagem sobre o processo de lutas para efetivação ao direito à educação do campo e ainda, um breve histórico sobre a minha inserção neste contexto, antes e após o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

#### **2.1 - O contexto do processo histórico da educação brasileira a superação das lutas sociais e a conquista da educação do campo**

Para falar de Educação do Campo é necessário buscar a raiz, ou seja, conhecer o processo histórico da educação no país, para compreender os processos históricos causadores da perpetuação da ausência de uma política educacional brasileira, sobretudo os processos de busca para superação da subordinação e da luta para a construção de projeto de nação emancipada e emancipadora.

A educação tem papel fundamental na vida de todos os seres, pois, eles se constroem de acordo com o meio em que vivem. De acordo com Tafarel e Molina (2012 p.572) “não nascemos seres humanos, nós nos tornamos seres humanos ao longo da existência, ou seja; de leis sociais históricas, para além das leis biológicas, químicas, físicas”.

No Brasil Colônia, não havia plano de Política Governamental institucionalizado. O país vivia em regime total escravocrata regido por leis criadas para atender interesses capitais externos, entretanto a educação brasileira ainda não era soberana, pois legalmente garantia o modelo capitalista de produzir e reproduzir a vida e devido a nossos planos educacionais virem de fora e às vezes por não absorver a realidade brasileira.

A nossa educação fortalece os valores capitalistas naturalizando a propriedade privada e o estado burguês, contudo, a educação humana configura e sempre configurou de acordo com o poder vigente.

De acordo com o período da Proclamação da República, com as contradições do modelo escravocrata e o avanço da revolução burguesa, houve grandes mudanças e com elas a política educacional de D. Pedro que sanciona a 1ª lei sobre a educação.



Desta forma, no Brasil o movimento tornou-se conhecido a partir da organização e do trabalho dos pioneiros da educação que criaram a Associação Brasileira de Educação em 1924 que reivindicaram a Escola Nova, realizando reformas educacionais em vários estados durante a década de 20, em que surgem as primeiras Leis de Diretrizes e Bases para a educação em confronto com a burguesia; pois para além de um projeto para a educação havia também a luta para a construção de um projeto de nação defendido pela classe trabalhadora.

Neste sentido, no campo da educação a ditadura surge com aspirações revolucionárias que avançaram pela América Latina, a partir do golpe militar e com isso o Brasil sela pactos com o Exterior, deixando de ser um país Agrícola, tornando-se exportador de matéria-prima e com isso nossos planos educacionais continuaram a vir de fora.

Com o fim deste regime e em função de pressões externas, que visavam incluir o Brasil ainda mais nos interesses do grande capital, a educação ganha garantias das Leis de Diretrizes e Bases (LDB), do Plano Nacional de Educação (PNE) e do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Este projeto de País é também constatado a partir do embate entre a educação pública e privada, muitas vezes financiada pelo governo. Portanto o papel do estado para com a educação é de formar trabalhadores para atender o mercado de trabalho capitalista e não o de formar pessoas para a vida. Neste sentido, Molina (2006, p.11) discorre:

Romper com leituras fragmentadas e fragmentadoras da realidade; construir olhares que captem sua complexidade, propor práticas educacionais constituintes das dimensões essenciais da reprodução da vida; este é um dos desafios da Educação do Campo.

Em contraponto a este projeto da burguesia agem os movimentos sociais do campo lutando por políticas públicas na perspectiva de garantir os direitos sociais a todos os povos do campo, principalmente na educação. Ainda segundo Molina (2006 p.10), “nos últimos dez anos, os debates da Educação do Campo possibilitaram aglutinar um conjunto representativo de movimentos sociais e sindicais; de pesquisadores de alguns órgãos de governo nas três esferas de poder”.

A partir daí surgem grandes conquistas como o PRONERA, Residência Agrária e as Licenciaturas em Educação do Campo.

O diferencial do projeto da classe trabalhadora se dá na sua concepção de formação de projeto de sociedade e de país, visando contribuir para a superação da subordinação dos povos do campo ao mercado de trabalho e a monocultura do agronegócio. Essas três políticas acima citadas tornaram-se um incômodo para a burguesia, pois contrariavam seu projeto explorador da nação.

A luta pela educação do campo está em curso e caracteriza-se como uma luta emancipadora para o campo brasileiro.

Em contraponto, a educação do campo, através do povo camponês em suas organizações e movimentos, tem conquistado alguns avanços legais.

A (LDB) no artigo 28 já havia se referido diretamente à educação ofertada aos povos do campo; depois da LDB tivemos a elaboração das diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo e posteriormente o Decreto Presidencial, além de outros Marcos Normativos importantes.

## **2.2 – A Licenciatura em Educação do Campo:**

O Ministério da Educação (MEC), pelo edital nº 09 de 23 de abril de 2009 programou o curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo, apresentado pelo Centro Transdisciplinar de Educação do Campo – CETEC e aprovado pelo conselho de ensino, pesquisa e extensão – CEPE/UnB, cujas bases legais e objetivas, de conformidade com o Projeto Político Pedagógico ‘P. P. P.’ (2009, p. 15) são as seguintes:

A Licenciatura em Educação do Campo fundamenta – se nas seguintes bases legais:- Lei 9.394 de 1996;  
- Parecer CNE/CEB 36/2001 e Resolução CNE/CEB 1/2002 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo;  
- Parecer CNE/CP 009/2001 e Resolução CNE/CEP 1/2002 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura.

O objeto do curso é a Escola de educação básica do campo, que visa principalmente à construção e a organização escolar do trabalho pedagógico direcionado preferencialmente para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A intenção primordial do curso é a preparação de educadores para uma atuação profissional que possa transcender à docência e alcançar a gestão dos processos educativos não somente no âmbito da escola, mas também em seu entorno. Para isso, tornam-se imprescindível, habilitar educadores do ensino fundamental e médio, não detentores da titulação mínima exigida pela lei vigente.

Por outro lado, o curso tem a pretensão, também de ajudar na construção coletiva de um projeto de formação de profissionais que possam servir de base para uma política pedagógica da educação do campo.

São quatro as áreas do conhecimento que formam a base curricular do curso, sendo elas: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática e também Ciências Agrárias. Entretanto, o estudante pode optar por habilitar-se em uma delas na qual será certificado.

O curso tem suas especificidades, pois é realizado em regime de alternância e acontece em duas etapas presenciais que equivalem aos semestres de cursos regulares; são elas: Tempo/Espaço Escola-Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo, cujo objetivo é a interação entre educação e a realidade própria das populações do campo, principalmente para facilitar o acesso e permanência no curso dos educadores atuantes nas escolas, sem a referida capacitação evitando assim, o êxodo rural, ou seja, inibir que adultos e jovens do campo em busca da educação superior migrem-se do campo para a cidade.

A Licenciatura em Educação do Campo tem a carga horária total prevista para 3.525 horas-aula, consubstanciadas em oito semestres presenciais, cuja realização é feita por meios de turmas específicas, baseadas em demandas identificadas pelas instituições com seleções específicas dando prioridade aos professores em exercício das escolas do campo.

### **2.3 – A minha memória:**

Falar do meu conhecimento empírico e de uma trajetória da prática educativa implica buscar a raiz deste processo de luta e história a partir do resgate da minha memória de vida, que se tornou a base para um conhecimento científico e o passaporte para a vida acadêmica; além disso, é claro, o vestibular, onde foi necessário escrever uma carta de intenções para o CESPE - UnB.

Nasci aos doze dias do mês de março no ano de mil novecentos e setenta e dois em uma casa de palha e pau a pique pelas mãos de uma parturiente em uma área rural do município de Formosa-Goiás, denominado povoado Santo Estevão, onde morei até a idade de sete anos e conheci, pela primeira vez, uma sala de aula quando fui matriculada na escola Municipal Isolada Fazenda Santo Estevão construída para atender aos filhos dos meeiros, posseiros, agregados e empregados daquela região.

No entanto, a minha permanência nesta escola durou pouco tempo, pois logo meus pais se mudaram para a cidade de Formosa-Goiás, no intuito de obter melhores condições de vida, decisão essa que após alguns anos tornou-se frustrada, pois, na cidade, o mercado de trabalho é competitivo e só conseguem trabalho aqueles que estão preparados.

O baixo poder aquisitivo e a falta de qualificação para ingresso no mercado de trabalho forçaram os meus pais a voltarem para o campo.

Foi neste período, no ano de 1994, que eu, mãe de dois filhos e com apenas o ensino fundamental II incompleto, fui convidada a trabalhar como assistente de ensino em uma escola rural com apenas uma minúscula sala de aula, era exatamente assim, que classificavam os educadores que não possuíam formação docente, mas que aceitavam vender a sua força de trabalho para manterem o sustento da família.

Procuo aqui, registrar o percurso de minha vida no caminho da prática como educadora de aproximadamente 15 anos, ou seja, desde o ano de 1994 sem formação acadêmica, em que possuía a formação mínima para mediar um processo formativo.

Assim sendo, no ato de educar, eu “sacrificava” os alunos em seu processo de aprendizagem e nas suas próprias condições humanas, tendo-se em vista que estes, na grande maioria, saíam de suas casas, alguns a pé, outros montados a cavalo, percorrendo um trajeto com cerca de 8 a 10 km até chegarem à escola, na maioria das vezes, com barrigas vazias, devido às condições precárias que viviam com suas famílias, que não possuíam nenhuma renda financeira.

Percebendo a necessidade em compreender, analisar e registrar a trajetória da minha prática docente com experiências adquiridas de forma empírica, ou seja,

nas práticas do dia a dia pensando, descobrindo, inventando, reinventando em uma sala multisseriada, dividindo um espaço de 5 metros quadrados, em moradia à minha família e ao mesmo tempo em sala de aula para atender alunos da primeira fase do ensino fundamental.

## **CAPÍTULO III**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Este capítulo traz os conceitos de alguns teóricos que abordam a sociolinguística.

#### **3.1- Língua materna: variação e ensino:**

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.75) “todo falante dispõe de suficiente competência linguística em sua língua materna para produzir sentenças bem formadas e comunicar-se com eficiência”. Contudo, ainda não tem uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes possibilitem desempenhar tarefas comunicativas complexas em que é exigido alto grau de monitoração.

Portanto, todos os alunos brasileiros que têm o português como língua materna, ao chegar à escola, já são competentes em língua portuguesa, porém, torna-se necessário levar em consideração que o uso da língua, assim como quaisquer outras ações do homem como ser social, depende de normas que determinem o que é um comportamento socialmente aceita.

No tocante ao ensino de língua materna, cabe à escola a essencial tarefa de oferecer à criança os instrumentos necessários para que ela possa adequar seu ato verbal de acordo com as necessidades reais que a situação lhe impõe. A escola, portanto, precisa desenvolver o papel de facilitadora na ampliação da competência comunicativa dos alunos.

#### **3.2- Sociolinguística: uma introdução crítica:**

A Sociolinguística é uma vertente da linguística que estuda as variações nas línguas em geral e pode também fazer um estudo de comparação das variedades como, por exemplo, do Português Brasileiro e o Português Europeu.

Ela foi consideravelmente estudada pelo americano William Labov que almejou romper com a forma metodológica de pesquisa que vigorava na linguística americana dos anos 60. Ela trabalha com os conhecimentos da antropologia e da sociologia abordando uma multidisciplinaridade.

A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em um congresso na UCLA (Universidade de Califórnia em Los Angeles), no ano de 1960, por meio da decisão de muitos cientistas da linguagem que, para estudar a língua, seria preciso levar em consideração a sociedade em que ela é falada.

Para William Labov, os dados mais valiosos para a investigação sociolinguística estão na língua falada mais espontânea, menos monitorada, mais livre de coerções sociais e culturais, empregada nas formas de falar mais descontraídas.

O objetivo central da sociolinguística, como disciplina científica é precisamente relacionar a heterogeneidade da língua no meio social de cada falante em sua origem geográfica, podendo a língua variar de um lado para outro.

Neste sentido, Calvet (2002) discorre que, se os usos da língua variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea também pode ter variação. Entretanto, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar, pois não se tem as mesmas atitudes linguísticas em diferentes classes.

Contudo, podem se desenvolver dois tipos de consequências sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem às ações dos falantes ao falar dos outros, e outros, se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala.

A língua se constitui primeiramente pela fala, a escrita vem depois e se consolida através da fala porque a ela é uma tentativa de representá-la, porém, não é fiel à fala e esta, além de ser cognitiva, ela precisa do aparelho fonador.

O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo, por William Labov que se tornou o nome mais conhecido da área e que conceituou a variação linguística como a espinha dorsal da sociolinguística. Pois, dizer que a língua não apresenta variações significa questionar a sua heterogeneidade, porque é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que ela é falada.

Partindo da noção de heterogeneidade, a sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades e que não existe, nem poderia existir uma única língua pura e perfeita de conceito de língua purificada ou escrita purificada, porque a heterogeneidade é constitutiva das línguas humanas.

Portanto, não existe um padrão predeterminado, homogêneo e perfeito, pois seus contornos variam de falante para falante e cada um dispõe de uma gama variada de estilos, mais ou menos monitoradas, por isso toda língua humana é heterogênea por sua própria natureza.

### **3.3 - Variedades linguísticas:**

De acordo com Bagno (2007, p. 47) a sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades, partindo da noção de heterogeneidade.

Uma variedade linguística é um dos muitos modos de falar uma língua, e esses modos são fortemente influenciados por fatores sociais como: idade, sexo, grau de escolaridade, classe social, origem geográfica e étnica.

Cada variedade linguística possui características próprias, diferenciando-se assim umas das outras. Em função desses fatores as variedades linguísticas são classificadas, segundo Bagno (2007) por nomes particulares, sendo eles: dialeto, socioleto, cronoletto e idioleto.

*Dialeto* – esse termo designa o modo que caracteriza o uso da língua falada em um determinado lugar, região ou província, envolvendo variedades de pronúncia, gramática e vocabulário.

*Socioleto* – designa a variedade linguística e características de um grupo que compartilham de um mesmo universo sociocultural, sejam nas relações de trabalho, posição econômica ou nível cultural.

*Cronoletto* – refere-se à variedade própria utilizada por falantes de determinada faixa etária, ou melhor, de uma geração de pessoas.

*Idioletto* – designa a individualidade na fala de uma determinada pessoa, seu repertório vocabular, seu modo de pronunciar as palavras, de elaborar as sentenças, etc.



### 3.3.1 - Variações linguísticas:

Neste subtópico, apresenta-se, a variação fonético-fonológica dialogando com alguns teóricos, bem como, Sousa e Vellasco onde se apresentam também exemplos dos próprios alunos seguidos de explicações a partir dos metaplasmos.

Segundo Bagno (2002, p.25), “a língua é uma atividade de natureza sócio-cognitiva, histórica e situacionalmente desenvolvida para promover a interação humana”. Não há um nível de fala melhor do que outro; há o nível mais adequado de determinados momentos de comunicação, cabe a cada um de nós fazer uso de cada nível na hora certa.

Portanto, toda e qualquer variedade linguística é plenamente aceita e que a ideia de que certas variedades linguísticas são mais ricas ou mais pobres, mais certas ou mais erradas, mais feias ou mais bonitas é extremamente fruto de avaliações e julgamentos de uma sociedade, decorrentes das relações discriminatórias de poder.

A variação- fonético-fonológico, em que a língua pode apresentar diferentes formas de se pronunciar as palavras. Por exemplo: as diferentes formas da pronúncia do “R” ou até mesmo pelo acréscimo, decréscimo ou substituição de um fonema, caracterizando o sotaque do indivíduo.

De acordo com Sousa e Vellasco (2007, p. 83), no que diz respeito à variação fonético-fonológica, a fonética estuda os sons da fala, pois a fala é individual, enquanto a fonologia estuda os sons da língua e os aspectos fônicos da palavra, ou seja, o significado da constituição dos fonemas em formação de novas palavras.

Para compreender o fenômeno da composição fonética do falante, podemos contar com os metaplasmos, que é um fenômeno que auxilia o ensino da língua quando encontra palavras representadas através da fala e da escrita que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõe fonemas.

Cada fenômeno há um significado que justifique o emprego ou redução desses fonemas de acordo com a apresentação fonético – fonológica que geralmente ocorre devido à variação linguística do sujeito falante ou pela razão de não se fazer distinção entre a fala e a escrita.

Neste sentido, é salutar ressaltar um exemplo citado pela estudante contribuinte com este trabalho N.N.S., quando a mesma refere-se ao fonema *frôr* e *framengo*, evidenciando a ocorrência do fenômeno denominado pelos Metaplasmos como *Rotacismo*.

De acordo com Bagno (2007, p. 39) “a variação ocorre em todos os níveis da língua”.

Neste sentido, no que diz respeito às variações linguísticas, elas podem ocorrer em vários níveis:

### **3.3.2 - Níveis de variações:**

Variação Morfológica – apresenta diferentes sufixos para expressar o mesmo sentido ou ideia, sendo possível pensarmos nas formas, grudado ou grudento, meloso ou melento, pegajoso ou peguento.

Variação Sintática – se dá quando existem diferenças como no caso das concordâncias verbais e nominais, e também na posição dos termos na construção de uma frase, podendo exemplificar-se pela frase a seguir: Faça-me um favor, e me faz um favor ou também, Um amor que ninguém sabe em que vai dar, ou então: Um amor que ninguém prevê o final.

Variação Semântica – é a palavra que varia, dependendo da origem regional de cada falante, como vexame, vergonha ou pressa e também, manga da camisa e manga (fruta), manga (a ação de criticar).

Variação Lexical – são várias palavras diferenciadas para referir-se à mesma coisa, ou seja, mudanças de termos para designar um mesmo objeto, podendo ser exemplificadas nas contribuições das falas dos jovens estudantes e colaboradores desta pesquisa que se encontra nos apêndices, quando os mesmos se referem à cabrita, Cacoete, x9 ou dedo-duro.

A Variação Estilístico-Pragmática: é caracterizada pelas situações diferentes de interação social, marcadas por menor ou maior grau do ambiente ou até mesmo

de intimidade entre os interlocutores, podendo inclusive ser pronunciadas em situações distintas de interação pelo mesmo indivíduo. Podendo ser citado como exemplos as seguintes frases: *Queiram por gentileza, fazer silêncio*; ou mesmo: *Vamu calano a boca aí galera*.

De acordo com (BAGNO 2007, p. 44) a variação estilística ocorre em situações de maior ou menor formalidade, tensão psicológica, insegurança, autoconfiança, ou mesmo intimidade entre os falantes, exercendo assim a tarefa comunicativa a ser desempenhada revelando o seu comportamento verbal. Caracterizando-se em um conceito de monitoramento estilístico.

Na identificação dos fenômenos de variação linguística, segundo Bagno (2007), faz-se necessário recorrer a um conjunto de fatores sociais que são caracterizados como fatores extralinguísticos. Dentre eles apresentam-se alguns com relevância para este trabalho.

### **3.3.3 - Fatores extralinguísticos:**

**Origem geográfica:** representa a fala característica das diferentes regiões brasileiras, de diferentes áreas geográficas de um mesmo estado e ou de estados diferentes e até mesmo se a origem do falante é rural ou urbana.

**Status sócio econômico:** representa a fala de acordo com o nível socioeconômico do falante, conforme a posição social ou a renda baixa, média ou alta.

**Grau de escolarização:** é um fator que revela o maior ou menor acesso do falante à educação formal à prática da leitura e aos usos da escrita.

**Idade:** é um fator que revela os modos de fala das pessoas de acordo com os níveis de idade, ou seja, os filhos adolescentes não falam do mesmo modo que os seus pais que, por conseguinte não falam do mesmo modo que as pessoas das gerações anteriores.

**Sexo:** representa os usos diferenciados dos recursos que a língua oferece, entre homens e mulheres.

***Mercado de trabalho:*** é um fator que revela o vínculo do falante com a sua profissão ou ofício através da sua atividade linguística. Um advogado não usa os mesmos recursos linguísticos de um electricista, nem este os mesmos de um cortador de cana.

***Redes sociais:*** representa os comportamentos linguísticos que cada falante adota semelhante aos das pessoas com quem convive em sua rede social.

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo traz a análise das variedades linguísticas dos jovens estudantes, bem como dos níveis linguísticos e a variedade linguística e variação no livro didático, utilizados pelos respectivos estudantes da 1ª série do ensino médio do Colégio Estadual Vale da Esperança, Município de Formosa – GO.

Os dados a seguir foram selecionados, de acordo com a relevância, por mim considerada para a realização e efetivação deste trabalho e para que não se tornasse muito extenso, portanto, serão apresentados de acordo com os fenômenos, apresentados nas teorias pesquisadas.

#### 4.1 - Variação fonético-fonológica:

Caracterizam-se como variação fonético-fonológica as diferentes maneiras de pronúncias das palavras sejam pelo acréscimo, decréscimo ou substituição de algum fonema.

De acordo com Bagno (2011, p 327), “para sociolinguística a ocorrência de metaplasmos é considerada como uma continuação das ocorrências do passado.” O entendimento é que essas mudanças se repetem de modo cíclico.

Conforme esse mesmo autor (p. 237 à 330), nos metaplasmos do português brasileiro podem se encontrar: acréscimo, supressão, transposição e transformação, conforme abaixo demonstrado.

Nota-se bem que esses fenômenos não ocorrem somente nas falas regionais rurais, mas, também, entre os falantes urbanos e sociedades prestigiadas em situações de pouca monitoração:

Estudante: L.F.B.: [...meus pais são de Minas mais sempre **moraro** em Formosa.]

Estudante R.S.A.: [...o português certu é pur'quê ez **buscaru**...]

Estudante J. P. S.: [...**gosto da paisage**...]

Verifica-se a existência de **desnasalização**, que é a transformação que ocorre na vogal nasal postônica, em razão, no caso presente, da supressão da consoante final /m/, no intuito de se estabelecer a estrutura silábica canônica.

Estudante N.N.S.:

[...eu gosto da iscola purquê **pur'caz k'aqui** é tipo uma família já né..conheço todo mundo tipo **uz'colega...**]

Estudante L.F.B.: [... que **a'gente** tem.. tem **qu'istudá** pra sê alguém na vida...]

Estudante E.F.S.: [...É gosto do riu **tho'vê...**][...**pu'caz** que eu gosto do lugá...]

Estudante P.E.C.J.: [... é se eu não for um professô **pa'dá** aula aqui...][...achei **q'ia** apanhá...]

Estudante J.O.S.: [... num fim de mundo desse aqui num tem muitos lugares **pa'ir..** é bom **tch'ovê** ...]

Nas falas observadas acima, verifica-se a ocorrência da **sinalefa**, que é uma supressão causada pela gramaticalização na junção de duas sílabas formando uma só expressão.

Estudante P.E.C.J.: [...O lanche da iscola que é muito **ekscelente** e é isso aí.]

Neste caso, ocorreu a figura da **transformação** que foi a troca da consoante /x/ em /ks/, acarretando, não somente um acréscimo, mas, também a mudança da fonética, fenômeno muito usado no sertão nordestino.

Estudante N.N.S.: [... Mi'a irmã fala **frô** em vês de flor... é **frô** é **framengo...**]

Neste caso, verifica-se a ocorrência do **rotacismo**. Nesse fenômeno ocorre mudança fonética que consiste na troca do // por /r/ em encontros consonantais, em sílabas travadas. Também pode ocorrer em final de palavras. Note-se bem nos exemplos a seguir: chiclete / chicrete, plantar / prantar, placa / praça, futebol / futebor.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 54), a troca de// por /r/ nos grupos consonânticos e geralmente ocorre em falares rurais e rurbanos e até em falares urbanos, porem é considerado como um traço descontínuo, considerando que esse fenômeno é muito estigmatizado na cultura urbana.

Estudante N.N.S.: [...aí então vai se **apegano** né...]

Estudante P.E.C.J.: [... Os ricos tem algo no que se **apegá**...]

Nesse caso, verifica-se a ocorrência de uma **prótese** que é o acréscimo de um fonema no inicio da palavra. Ela pode ser encontrada em quase todas as variedades do português brasileiro

Os metaplasmos por acréscimo podem ser por **prótese**, **epêtese** e **suarabácti** ou por **paragoge** (epítese).

Estudante J.P.S.: [...Eu **p'sora**...eu gosto do riu igual todo mundo...]

Estudante E.F.S. [... ah num sei não **psora** num sei...]

Estudante L.F.B.: [... gosto do lugar onde vivo e da **chacra**...]

Estudante N.N.S.: [...ele tava mostrano uns pulicial que tava bateno nuns **bebo**...]

Neste caso, percebem-se a ocorrência do fenômeno conhecido por **síncope**, quando ocorre a supressão ou desaparecimento de fonemas no interior do vocábulo optando por palavras de duas ou, no máximo, três sílabas

Ocorre também o apagamento da vogal e da penúltima sílaba como padrão mais comum de redução dos proparoxítonos no dialeto, podendo causar o apagamento de consoantes.

Geralmente ocorre **síncope** em sílabas postônicas de palavras proparoxítonas.

Note-se bem nos exemplos supracitados: árvore/árvre, abóbora/abobra, pássaro/passo, córrego/córgo.

*Estudante L.F.B.:* [... direto tem morte todo dia **cê** ouve de morte...]

*Estudante J.P.S.:* [...num **tô** falano d'ocê não...]

*Estudante R.S.A.:* [...tem vários projetos qui **tamos** desenvolve...][...só num gosto muito do insino mais **tá** bom.] [... Eu achu tamém que **tá** criticano...]

*Estudante J.O.S.:* [... eu gostu da iscola pur'quê aqui **cê** tem amigos...]  
 [...tem até esse cara aqui que **tá** do meu lado que é um pé no saco mais **tá** de boa...]  
 [...Assim a'gente tem a nossa própria gíria daqui **ocê** ta ouvino falano...]  
 [...É se **ocê** prestá atenção...]

*Estudante P.E.C.J.:* [...**Cê** tem quantus anus? ] [...quando **tô** em casa..gostu de istudá tamém...]

*Estudante M.A.V.:* [... Pur'quê se'**ocê** fala d'um jeito na sua cidade aquilo lá é correto...]

*Estudante N.N.S.:*[...Resende é o que fala corta pra mim..ele **tava**...]

*Estudante S.A.S.:*

[...lá no Pará lá se **ocê** chegá e conversá c'as pessoas assim cum'ôtros da terra tamém **ocê**...] [... **ocê** vai conversá cu'ele aí ocê pergunta d'onde **cê** é?...]

[... Se **ocê** fô procurá no Google mermo os modos linguísticos da região tal...] [...**ocê** vai vê que tem coisa que **cê** vê lá...] [... o significado é muito diferente.]

Ao observar as falas dos estudantes, verifica-se que eles trazem em suas falas, a supressão de fonemas no início do vocábulo. Este fenômeno conhecido pelo nome de **aférese** é encontrado nos metaplasmos por supressão e ocorre em diversas variedades do português brasileiro.

*O processo de monotongação:*

Na monotongação há uma ocorrência de apagamento do glide semivogal / U ocasiona-se nesse processo a redução do ditongo crescente em uma vogal simples, tornando-se o monotongo, em um processo de assimilação.



Falas em que ocorre o fenômeno:

Estudante N. N. S.

:...foi a **primêra** iscola de toda mi'a vida... uá tem que gostá n'um tem **ôtra** opção...:...Eu **vô** fazê faculdade trabaiá né e casá (risos)tê m'ia casa aí eu **vô** pensá em tê filho.

Estudante J.O.S.

:...meu pai é **minêro** m'ia mãe é goiana...

:...aqui cê pode jogá bola pode distrair a cabeça um **pôco**...

Estudante J.P.S.

.. aí eu mudei pra cá faiz **pôco** tempo mais...

:...num **tô** falano d'ocê não viu?

Estudante P. E. C. J.

:...eu tenho 15 anos bunitu e **cherôso** como sempre...

:... É **primêro** eu gostu...de jogá bola tamém né quando **tô** em casa..gostu de istudá tamém.. gostu de trabaiá e ganhá **dinhêro**..

aí eu **vô** lá faço o serviço né cobru bem caro dez pá largá de sê **trôxa**...

:...e das **merendêra** q'eu gostu tamém...

Estudante: L.F.B.

:... O que significa macaxêra?

Estudante R. S. A.

:... Eu pretendo sê **ingenhêro** civil passá numa faculdade e é só isso.

:...Uai é do Goiás e de Minas é igual **quêjo**.

Observamos que a monotongação ocorre:

1. Na conjugação da 1ª pessoa do presente do indicativo: vou /vô/, estou /tô/.
2. Nos ditongos /ou/ das palavras: outra /ôtra/, pouco /pôco/, trouxa /trôxa/.
3. Nos ditongos /ei/ dos proparoxítonos: primeira /primêra/, primeiro /primêro/, mineiro /minêro/, cheiroso /cherôso/, engenheiro /ingenhêro/, dinheiro/dinhêro/, merendeira/, merendêra/, queij /quêjo/, macaxeira/macaxêra/.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 54), o sufixo /eiro/ quase sempre é pronunciado como /êro/. Os ditongos /ei/ e /ai/ seguidos dos fonemas /r/, /n/, /j/, e /x/ tendem sofrer reduções, transformando-se em vogais simples /e/ e /a/. Entretanto, todos esses são traços graduais.

*O processo de ditongação:*

No processo de ditongação da vogal tônica final seguida de /s/, acontece um acréscimo do glide anterior, em contexto de sibilante (/s/ e /z/).

Estudante: J.O.S.

:... pur'quê em casa a'gente **faiz** mais é trabaiá pra ajudá os pais...

:...eu gostu muito da iscola já tinha istudado aqui uma **veiz** e voltei pra cá agora e é só isso.

Estudante: N.N.S.

:... Gosto do riu.. da iscola tempo de manga dar manga.. que dá alimento pra

**nóis**

né?...

:... hã? Não ué eu conheço **vocêis** der'de do pré...

Estudante: J.P.S.

:...eu gosto do riu igual todo mundo da **paiz** e do sussego...

:...Uai é do **Goíais** e tchê é do gaúcho. {Risos}Uai é do **Goíais** e de Minas é igual quêjo.

:...eles são meio atentados **mais** eu gosto deles e é só.

.. aí eu mudei pra cá **faiz** pôco tempo mais...eu conheço aqui a maioria já **faiz** um certo tempo...

Estudante: P.E.C.J.

...o **arroiz** c'um frangu salada e batata doce.

.. achu q'ela é nordertina ela é massa véi ela tem uma **vóiz** cabulosa.

Estudante: R.S.A.

.. só num gosto muito do insino **mais** tá bom.

O processo de ditongação ocorreu na junção dos sons: /as/, /az/, /es/, /ez/, /os/, /oz/,

. /as/: a conjunção, mas / mais, /Goiás / Goiáis/.

. /az/: paz/ paiz, /faz/ faiz/.

. /es/: vocês/ vocêis/.

. /ez/: vez/ veiz/.

. /os/: nós/ nós/.

. /oz/: arroz/ arroiz, /voz/vóiz/.

O fenômeno da ditongação, bem como a monotongação ficou evidente na fala de todos os informantes.

De acordo com Bortoni- Ricardo (2004, p.97), embora seja visto que a regra de monotongação do /ou/ encontra-se generalizada na língua oral, principalmente nos estilos monitorados, torna-se necessária dedicação e muita atenção a produção escrita desse ditongo em sala de aula.

A ditongação é generalizada no português brasileiro, por isso, é inadequado usar a grafia /NÓIS/ para representar a “fala popular”, porque a pronúncia ditongada também ocorre na fala dos “cultos”. Dela, resulta a dificuldade de distinguir na escrita, por exemplo, a conjunção/ MAS/ do advérbio /MAIS/, pois ambos têm a mesma pronúncia.

*A semivocalização da lateral palatal /lh/:*

Nas falas dos informantes há uma tendência de transformação do /lh/ por /i/, nos contextos onde a sílaba é formada com /lh/.

Estudante: N.N.S.

:...Eu vô fazê faculdade **trabaiá** né e casá (risos)tê m'ia casa aí eu vô pensá em tê filho...

.. muitas não tipo em Formosa ,o povo daqui morre só de **veice** mermo.

Estudante: J.P.S.

:...aqui é diferente de Formosa que lá tem muito carro muito **baruio** e confusão...

Estudante: J.O.S.

:...a'gente faiz mais é **trabaiá** pra ajudá os pais...

:...como todos aqui eu quero tê meu próprio iscritório meu próprio local p'eu **trabaiá** ..

Estudante: P.E.C.J.

:...E de **trabaiá** cê num gosta não né?

:...quando eu entrei nessa iscola aqui né achei q'ia sê maió **paia**...

.. achu q'ela é nordertina ela é massa **véio** ela tem uma vóiz cabulosa...

Estudante: S.A.S.

...Ué agora pur'quê ela vai **trabaiá** num lugá ela tem que iscondê a cultura dela?

:...Eu gostu da iscola pur'quê.. purq'eu conheci muitas pessoas novas.. **véias** tamém...

M.A.V.

:... É igual uma **muié** lá em Formosa.. ela chama Geralda..

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.58) nas variantes de trabalhar e mulher verifica-se a aplicação de duas regras: a vocalização da consoante lateral palatal /lh/ e a perda do /r/ final. A primeira regra tem caráter descontínuo e pode ser observada em palha/paia, velho/veio. A perda do /r/ final é um traço gradual sendo mais freqüente nos infinitivos verbais, podendo ocorrer também em substantivos como mulher, e ou adjetivos como maior/menor/melhor/pior.

O fenômeno acontece nas falas de quase todos os falantes, ocorrendo uma mudança no som da consoante palatal /lh/, mudança que, segundo Bagno (2007, p.145), é uma mudança que também aconteceu em galego, francês e na maioria das variedades do espanhol.

*A supressão do /r/ pós-vocálico:*

Ao observar as falas dos estudantes percebe-se uma forte tendência ao apagamento do /r/ pós-vocálico, ou seja, uma queda do /r/ final nas formas verbais. Esse fenômeno ocorre com maior frequência na pronúncia dos verbos no infinitivo, no futuro do subjuntivo e nas palavras terminadas em /r/ .

Estudante: M.A.V.

:... É igual uma muié lá em Formosa.. ela chama Geralda.. ela vai falá celular ela fala **célula**...

Estudante: L.F.B.

:... Eu pretendo **terminá** meu insino médio fazer uma facudade isso só.. **arrumá** um bom imprego.

Estudante: E.F.S.

:...É gosto do riu tho'vê.. só.. e da escola tamém e do **lugá** que é mei calmo sei lá .. ah num sei não psora num sei.. pu'caz que eu gosto do **lugá**...

:... tamém gosto do **professô** João.

...quais os sonhos?É **fazê** faculdade e **sê** veterinária só isso (risos) é só isso mermo.

Estudante: N.N.S.

...Gosto do riu.. da iscola tempo de manga dar manga.. que dá alimento pra nóis né? Dos amigo e do **lugá** tamém...

...gosto da iscola..tem que **gostá** né der'de.. foi a primera iscola de toda mi'a vida (risos) há? Não uá tem que **gostá.....** eu gosto da iscola eu num sei **isplicá..**

..Eu vô fazê faculdade **trabaiá** né e **casá** (risos)**tê** m'ia casa aí eu vô **pensá** em **tê** filho.

Estudante: J.P.S.

...Eu pretendo quando sair da iscola **fazê** mi'a faculdade de medicina **consequi** o meu consultório próprio **casá** é claro **qualqué** um **qué casá** .

Estudante: R.S.A.

..Eu pretendo **sê** ingenhero civil **passá** numa facudade e é só isso.

... Eu achu que a'gente ti'a então que cada veiz **procurá** **buscá** mais conhecimento sobre as coisa pra **cumeçá** **vivê** nesse meio...

Estudante: J.O.S.

... aqui cê pode **jogá** bola pode **distrai** a cabeça um pôco pur'quê em casa a'gente faiz mais é **trabaiar** pra **ajuda** os pais...

... morava em Formosa achei q'ia **chegá** aqui q'num ia **gostá** q'ia sê um pé no saco mais aqui tive tipo amigos de verdade pa'gente **conversá**

...Eu quando **saí** da iscola eu quero **fazê** uma facudade de engenharia civil e quero tamém como todos aqui eu quero **tê** meu próprio iscritório meu próprio local p'eu **trabaiá** .. eu quero pelo menos **dá** alguma coisa p'us meus filhos que meu pai num pôde me **dá** quand'eu era **menó** uma vida **melhó** as coisa **melhó** p'eles que

meu pai num teve condição num teve istudo mais eu quero **fazê** uma faculdade pra exatamente isso **podê dá** alguma coisa **melhó** pr'os meus filhos só isso.

:...a classe média alta já sempre **qué falá** mais bunitu pra **querê achá** que é mais rico...

:... É igual eu falei no pronunciado num tem o certo agora na iscrita tem que **tomá** cuidado.

:... É igual aquela repórter lá do dumingo **espetaculá**...

Estudante: P.E.C.J.

:... gostu de **jogá** bola tamém né quando tô em casa..gostu de **istudá** tamém.. gostu de **trabaiá** e **ganhá** dinhêro.. gostu d'vim pra iscola gostu de **sê** solidário cu'meus amigus.. **fazê** trabalhu **comprá** bali'a .. **arrumá** as salas tudo ééé **brincá** lá fora **jogá** bola **lanchá** o lanche da iscola...

:... tem tamém uns **professô** muito bacana...

:...quando eu entrei nessa iscola aqui né achei q'ia **sê maió** páia achei q'ia **apanhá** duz'minino pa'depois todo mundo **gostá** d'mim depois todo mundo gostô sem mim **batê**.

:...Eu vô **sinti** muita falta da iscola do lanche...

:... eu vô **tê** que sair daqui aí lá fora eu vô **fazê** uma facudade né...

:... se eu não for um **professô** pa'**dá** aula aqui nessa iscola né eu vô **sê canto**...

:...quero **sê** veterinário de cachorro de cavalo aí eu quero **sê** tipo um veterinário aí eu quero **montá** meu próprio consultório...

:...eu vô lá faço o serviço né cobru bem caro dez pá **largá** de **sê** trôxa...

:... quando ez vai **pagá** minha diária **qué pagá** barati'o o sirviço é de gente grande só que ez **qué pagá** de mei dia de sirviço aí eu vô **cobrá** caro dez tamém se ez **tive** vivo até lá.

:... A'gente se apega pur'quê.. Os ricos tem algo no que se **apegá**...

Estudante: S.A.S.

:...todo mundo q'cê **chegá** aqui **quizé convesá** cê pode **tê** opções de **convesá** e era só isso.

:...Eu.. saí daqui eu pretendo **voltá** pra casa (risos) e.. quando eu **terminá** de **istudá** aqui eu pretendo **prestá** prova pro instituto de engenharia **militá** e **formá** e **tê** um trabalho digno e ou intão **fazê** uma prova pra **consequí** até **sê** sargento ou general **militá**.

:... É lá daquele **lugá** lá de onde vem a maioria dos **cantô** de rap de São – Paulo...

:...lá no Pará lá se ocê **chegá** e **conversá**...

:...Ué agora pur'quê ela vai **trabaiá** num **lugá** ela tem que **iscondê** a cultura dela?

:...uai pur'quê a pessoa vai prum **lugá** ela.. é necessário ela **iscondê** a cultura invêis de **levá** a cultura pra fora e **mostrá** q'ela tem orgulho da cultura dela?

:... todo **lugá** que ocê **fô** ez sempre vai **falá** a merma coisa muda só d'uma região pra ôtra.. tipo alguma gíria que tem..

:... Se ocê **fô procurá** no Google mermo os modos linguísticos da região tal ocê vai **vê** que tem coisa que cê **vê** lá quando cê vai **vê** o significado é muito diferente.

De acordo com (BAGNO 2007, p.148), o apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros. Nas demais palavras, é mais frequente em determinadas variedades regionais como as nordestinas. Neste sentido, Bortoni – Ricardo (2004, p. 85) discorre:

Além da variação no modo e no ponto de articulação do /r/ pós-vocálico, que é de natureza regional, esse fenômeno apresenta uma peculiaridade para o qual nós, professores, devemos ficar muito atentos. Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós- vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais, correr/ corrê, almoçar/ almoçá, desenvolver/desenvolvê, sorrir/ sorri.



*A terminação- nd no gerúndio e conjunções:*

Neste fenômeno ocorre o apagamento da oclusiva dental /d/ no gerúndio e em algumas conjunções. Esse fenômeno ocorre em função da assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ por serem duas oclusivas dentais. Além disso –ndo se realiza –no pela tendência natural de optar pela sílaba canônica CV(consoante-vogal).

Estudante: N.N.S.

:...então vai se **apegano** né...

:...No Mato Grosso nós ficava **coretano** d'ez pur'quê e'z puxava o R...

:..ele tava **mostrano** uns pulicial que tava **bateno** nuns bebo lá aí na hora q'ele tava **filmano** aí...

Estudante: J.P.S.

:...num to **falano** d'ocê não viu?

:...ninguém ta na pele dele p'a sabê se ele tá **criticano** ou **elogiano**...se a'gente lê o texto e não compreendê ele direito pode sê que a'gente fala que ta **criticano** pur'quê ele ta **falano**...

Estudante: R.S.A.

:...e pur'quê tem vários projetos qui tamos **desenvolvemo**...

:... Eu achu tamém que tá **criticano** pur'quê... se eu falei e ela **intendeno** num vai precisá eu falá bunitu ou falá certo ou falá errado intão ela **intendeno** é o que basta...

Estudante:P.E.C.J.

:...e altas coisa aí né quia'gente vai **aprendeno** na iscola aí né?

:... Ai fica **falano** essas coisa assim pá dizê que vêi da periferia né...

:...pur'isso que a'gente az'veis pensa que q'ela ta **falano** certi'o tá **falano** buniti'o só já vem tudo iscrito já né...

Estudante: S.A.S.

:...gostu dos verde da chakra du riu de vê os pássarus **cantano** e de andá de cavalo.

:... **tirano** alguns foi amizade assim q'eu gostei...

Estudante: J.O.S.

:...Assim a'gente tem a nossa própria gíria daqui ocê ta ouvino **falano**...

Estudante: L.F.B.

:... Eu achu que é preconceito pur'quê.. tá **censurano** o jeito das pessoas falá...

De acordo com Bagno (2007, p. 214), este fenômeno ocorre em função da terminação característica do gerúndio ser /-ndo/. Como o /n/ e o /d/ são consoantes que compartilham algumas semelhanças no ponto de articulação e no modo de articulação (as duas são oclusivas alveolares), nos estudos fonéticos, é uma modificação que leva um dos fonemas a se tornar semelhante ao outro.

Ocorre o que é chamado nos metaplasmos, de síncope da consoante /d/ tornando a forma /-ndo/ em /-no/. Sendo ela uma sílaba canônica.

*A preposição "para":*

A preposição para é identificada de três maneiras nas pronúncias das falas dos estudantes, ou seja, três variantes são utilizados pelos mesmos.

Estudante L. F. B.

:... tem qu'istudá **pra** sê alguém na vida **pra** tê alguma coisa..**pá** aprendê...

:... a'gente vai tê que escolhê as palavra e corrigi melhó **pra** podê conversá...

Estudante:J.O.S.

:... pur'quê em casa a'gente faiz mais é trabaiá **pra** ajudá os pais...

:...aqui tive tipo amigos de verdade **pa** gente conversá...

:...quero tê meu próprio iscritório meu próprio local **pa** eu trabaiá...

:...eu quero fazê uma faculdade **pra** exatamente isso podê dá alguma coisa melhó **pros** meus filhos...

Estudante: J.P.S.

:... aí eu mudei **pra** cá faizpôco tempo mais...

:... e de'rde que eu mudei **pra** cá todo mundo virô meu amigo...

:...pur'quê num fim de mundo desse aqui num tem muitos lugares **pa** ir...

:...em casa a'gente faiz mais é trabaiá **pra** ajudá os pais...

:...aqui tive tipo amigos de verdade **pa** gente conversá...

:...eu gostu muito da iscola já tinha istudado aqui uma veiz e voltei **pra** cá agora...

:...uma vida melhó as coisa melhó **pa** eles que meu pai num teve condição num teve istudo mais eu quero fazê uma faculdade **pra** exatamente isso...

:...a classe média alta já sempre qué falá mais bunitu **pra** querê achá que é mais rico...

Estudante: P.E.C.J.

:...ele nasceu em Ceres só q'ái c'um anu de idade ele foi **pra** Brarlândia...

:...achei q'ia apanhá duz'minino **pa**'depois...

:... é se eu não for um professo **pa**'dá aula aqui...

:...cobru bem caro dez **pá** largá de sê trôxa...

:... Ai fica falano essas coisa assim **pá** dizê que vêi da periferia né..fala assim só **pá** aparecê...

:... Eu acho assim q'ela é um suporte **pra** nós...

:... tudo é feito em benefício **pra** nós...

Estudante: R.A.S.

:...procurá buscá mais conhecimento sobre as coisa **pra** começá vivê nesse meio...

:... eu vô tá no meio d'um imprego intão eu vô tê um modo de falá adequadu **pra** aquele meio...

:... Eu achu que o português veio tamém **pra** mostrá como...

Estudante: S.A.S.

:... eu vim **pra** cá esse anu...

:... Eu..saí daqui eu pretendo voltá **pra** casa...

:...intão fazê uma prova **pra** conseguí até sê sargento...

:...uai pur'quê a pessoa vai **prum** lugá ela..é necessário ela iscondê a cultura invêis de levá a cultura **pra** fora...

:...ocê fô **prum** imprêgo cê vai tê que falá correto intão se oçê falá **pu'ma** pessoa assim...

:... a pessoa já vai falá q'ocê num serve **pa** quilo...

Com esses dados, podemos observar que as variantes /pra/ e /pa/ foram utilizadas por todos os falantes. O estudante J.O.S. utilizou-se das variantes /pra/, /pa/ e /pos/, a forma pos é a junção da preposição para com o artigo os, que através de um processo de economia linguística foi reduzido a pos. Outro fenômeno interessante que pode ser observado na fala do estudante S.A.S. é o uso da variante para pronunciado nas formas prum e pruma, utilizando-se da junção da preposição para com os artigos um, uma.

*A Modificação das vogais médias:*

As vogais /e/ e /o/ em alguns contextos tendem a se modificarem para os sons altos /i/ e /u/, por influência do som da vogal anterior, um fenômeno de assimilação, devido essa também ser uma vogal alta.

Estudante L.F.B.: [... Gosto da **iscola**...][...**maguei** não Jóris...]

[...Eu pretendo terminá meu **insino** médio...][...arrumá um bom **imprego**...]

Estudante E.F.S.: [...É gosto do **riu**...] [...e do lugá que é **mei** calmo...]

[...**Purque** eu gosto da **iscola**...] [...**purquê**.. **pur'caz** dos colegas e dos professores e.. **purquê** os professores **insina** bastante a'gente...]

Estudante N.N.S.: [...Gosto do **riu**.. da **iscola**...]

[... eu gosto da **iscola** eu num sei **isplicá**.. **pur'quê** só tem uma **iscola** q'eu **istudei** foi essa...]

Estudante J.P.S.: [...eu gosto do **riu**...] [... e do **sussego**...]

Estudante R.A.S.: [...dos frutos do cerrado na **épuca** e gosto tamém do **riu** é só.]

[...Eu gosto da **iscola purquê** criamos uma família aqui..] [... e si **conhecemus**

derde o **insino** fundamental e **purquê**...]

[...tem vários projetos **qui** tamos desenvolvemo esse **anu cum** parcerias **cum** grandes faculdades UnB...]

[...Eu pretendo sê **ingenhero** civil...]

Estudante J.O.S.:

[...Eu **gostu** das frutas do cerrado.. eu **gostu** (risos) do **piquí**.. e é só isso.. eu **achu** que é só isso...]

[...tinha nove **anus** q'eu morava em Formosa...]

[...Eu **gostu** da **iscola**.. eu **gostu** da **iscola** **purquê** aqui cê...]

[...aprendi bem mais **du'quê** em Formosa de onde eu **istudava**...]

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 57), a vogal /e/ final átona foi realizada como /i/, porém este não é um traço privativo do falar rural, pois praticamente em todas as manifestações orais do português brasileiro, percebe-se que as vogais médias /e/ e /o/ são reduzidas para /i/ e /u/ em sílabas átonas.

#### 4.2 - O livro didático:

De acordo com Tagliani (2009, p. 304), o livro didático surgiu devido às transformações sofridas no ensino de língua portuguesa, pois, no início o ensino era voltado apenas às classes com nível de letramento mais elevado, bem como professores e alunos de classes privilegiadas. Logo após, ele passou a ser democratizado devido à precariedade dos conhecimentos gramaticais dos envolvidos.

A partir daí, os manuais didáticos já existentes na forma de antologias passaram a ter uma nova roupagem, objetivando suprir as deficiências dos professores.

Segundo Tagliani (2009, p. 304), nas décadas de 70 a 80, o livro didático era visto

Como uma tecnologia pouco adequada a processos efetivos de aprendizado; como resultado de interesses econômicos envolvidos em sua produção e comercialização; e identificado aos efeitos de controle que exerce sobre a ação docente sobre o currículo. (*Apud* TAGLIANI, ROJO, BATISTA, 2003, p. 45).

De acordo com Bagno (2007, p.119), o livro didático de língua portuguesa tem obtido avanços na incorporação dos novos conceitos de educação linguística propostos nos últimos vinte anos. Porém foi dado um salto de qualidade espetacular

desde que foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 1996, no qual o Ministério da Educação avalia, compra e distribui obras destinadas ao ensino das diferentes disciplinas que compõem o currículo do ensino fundamental.

O PNLD é uma instância privilegiada em que os resultados das pesquisas empreendidas nas grandes e boas universidades exercem saudável influência na prática pedagógica.

Embora, seja perceptível o desejo sincero dos autores de algumas obras em valorizar a múltipla linguística do português brasileiro, com conceitos de variação e mudança, por conseguinte combater o preconceito linguístico, a noção do erro, a dominação e a exclusão social por meio da linguagem.

Neste sentido é importante afirmar a impropriedade de usar grafias como /CANTÁ/ISCONDÊ/PROFESSÔ/, como forma de representar unicamente a fala popular, já que elas também são características dos falantes urbanos escolarizados.

Entretanto, o livro didático de língua portuguesa ainda traz essa forma imprópria, inadequada e preconceituosa na representação dessa grafia como erro linguístico, como a fala do caipira, pobre, sem instrução ao utilizar tirinhas do Chico Bento, poemas de Patativa do Assaré, músicas do Luís Gonzaga e de Adoniran Barbosa como exemplos de variações linguísticas como se os mesmos fossem representações fiéis dessas variedades.

O tratamento dado à variação e mudança linguística nos livros didáticos ainda tem sido falhas e distorcidas, tornando um tanto problemático a abordagem desses conceitos em sala de aula, partindo do uso desse material tido como pedagógico.

De acordo com BAGNO, (2007, p.71), é muito comum, nos materiais didáticos, mostrar a variação linguística como um fenômeno característico somente dos falantes rurais, analfabetos e pobres.

Portanto é de suma importância preservar, no ambiente escolar, o respeito às diferenças linguísticas, mostrando que não existe nenhum grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado” do que o outro e que ocorre variação em todas as

camadas sociais, por conseguinte gerar a consciência de que a língua é essencialmente heterogênea, variável e mutante.

Pois tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos de todo o mundo, tem uma razão de ser, entretanto essa razão de ser nada tem a ver com a falta de inteligência, a preguiça, a corrupção moral, o descaso e ou outros motivos alegados de maneira preconceituosa que vem sendo repetidos anos após anos. Isso revela uma tendência a uma suposição falsa de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que não existe variação no uso que eles fazem da língua.

#### **4.3 - Análise sobre variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa:**

O livro didático de Língua Portuguesa utilizado pelos estudantes pesquisados, é o livro *Novas Palavras*, nova edição / Emília Amaral, [et al.]-1. ed – São Paulo: FTD, 2010. – (Coleção novas palavras, nova edição; v. 1).

Segundo os autores, no capítulo 2, a partir da página 210 até a página 239, para ter-se compreensão de variações linguísticas, é necessário ter-se consciência de que a língua apresenta variações que nos possibilitam a comunicação de maneira adequada e eficiente nas diferentes situações de interlocuções orais ou escritas.

Isto nos permite abolir possíveis preconceitos linguísticos e, por conseguinte, respeitar as diferentes maneiras de falar de diversas pessoas nas diferentes situações de comunicação, fato que nos permite identificar, por meio da linguagem utilizada, pelo menos uma característica de cada falante a partir da faixa etária, nível de escolaridade e sexo.

De acordo com o lugar onde vive o falante atualmente ou viveu em época passada, pois todo ser falante independente da sua origem, do *status* sócio econômico e de sua ascensão social, possui variação no seu modo de falar e que toda e qualquer variedade linguística é plenamente aceita.

Portanto, não existe maneira errada de falar, pois todas as pessoas se expressam em português. Elas não utilizam a língua portuguesa de maneira



uniforme, ou seja, uma não fala igual à outra e essas diferenças ocorrem porque existe um grande número de fatores que, combinados uns aos outros, determinam a maneira individual de expressão dos falantes e é justamente por isso que em um idioma ocorrem variações linguísticas.

O livro didático de língua portuguesa, utilizado pelos estudantes contribuintes com este trabalho, traz na página 210, as variedades linguísticas citando a variedade padrão e a não padrão e o campo semântico.

Na norma padrão traz um conceito de que ela é apenas uma entre as muitas formas de usar a língua e que a escolha da norma padrão como “modelo” é arbitrária e convencional, pois se baseia em critérios ideológicos (sociais, culturais, políticos e econômicos). Portanto, vale dizer que não existe uma língua única que coincida com a variedade padrão.

A língua é apresentada como uma realidade heterogênea, variável e vinculada à realidade social, econômica, cultural e regional. Ela é a soma de todas as variedades.

Nesse mesmo sentido, o livro chama a atenção em que uma língua oferece a seus usuários diferentes formas de realização, isto é, diferentes “jeitos de falar e escrever”, e que, segundo a linguística, não existe uma forma melhor (mais certa) ou pior (mais errada) de empregar uma língua.

O livro didático faz citações de alguns linguistas, entre eles, Bagno (2001).

Nas páginas 211 e 212, o livro explica um pouco mais os conceitos de variedade padrão e não padrão.

A variedade, denominada padrão ou (normas urbanas de prestígio) é a usualmente, falada e escrita em situações mais formais de comunicação.

Porém este mesmo livro aborda o fato de que, atualmente, a expressão “normas urbanas de prestígio” deve ser substituída pelo termo “norma culta”, entretanto, Bagno (2007, p. 123), afirma que a expressão “norma culta”, é ambígua e problemática e que historicamente, a norma padrão tem sido um instrumento político de dominação e exclusão, pois em suas características históricas, a norma padrão é muito mais um discurso sobre a língua, um suporte de uma ideologia linguística autoritária, do que, propriamente, um guia para o uso adequado e correto da língua.

A variedade denominada não padrão ou (popular) é a utilizada pela maioria absoluta das pessoas em suas relações diárias, de maneira espontânea e informal.

Os fatores que caracterizam e diferenciam essas duas variedades linguísticas são de natureza sociocultural, ou seja, são determinadas principalmente pelo nível de escolaridade do falante, pela sua faixa etária, pelas condições econômicas e pelo grupo social do qual ele faz parte. Sobre as variações, o livro didático aborda a variação sociocultural, histórica, geográfica e situacional, senão, vejamos os exemplos correlacionados no quadro abaixo:

Tipo	Aspecto ao qual se relaciona
Variação Sociocultural	Idade, sexo, escolaridade, condições econômicas do falante e grupo social do qual ele faz parte.
Variação Histórica	Tempo (época) em que o falante vive.
Variação Geográfica	Região em que o falante vive.
Variação Situacional	Situação específica em que se realiza o ato de comunicação.

Na página 221, o livro didático traz um texto do autor Oswald de Andrade, cujo título é “Vício na Fala”, que se encontra nos apêndices e que foi utilizado por esta aluna universitária enquanto professora-pesquisadora no processo de pesquisa e de coleta de dados para a realização deste trabalho.

O livro propõe leitura e análise do texto, seguido de exercícios com perguntas e respostas, cuja primeira pergunta era saber se o autor do texto está censurando, isto é criticando as pessoas a quem ele se refere, ou mesmo, se ele revela respeito para com elas.

Ele procura trazer essa didática, objetivando, esclarecer que não se deve ter preconceito linguístico e que a maneira em que os personagens do texto utilizam a fala é irrelevante, ou seja, o que de fato importa é a valorização dos mesmos devido a importância da função social indispensável que eles exercem na sociedade, que é o de (construir casas).

Entretanto, o título que o autor propôs ao texto: “Vício na Fala” classificando as falas utilizadas, pelo personagem-falante como vício, revela uma atitude preconceituosa.

O livro didático cita as palavras “*vosmicê*” e “*parvoíce*” como palavras arcaicas e que se caíram em desuso, pois ao longo do tempo, muitas palavras da língua vão deixando de ser usadas e outras, por conta dos avanços sociais, científicos, vão sendo incorporados ao idioma.

Em comparação com as variações dos falantes contribuintes, podemos observar as variações ocorrentes em um único vocábulo na variação histórica: /*vosmicê/você/ocê/cê*/.

Estas são variadas formas linguísticas que atestam a velocidade das mudanças sofridas pela língua com o tempo.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 55), o pronome de tratamento você deriva do tratamento antigo “*Vossa Mercê*”, que obedeceu ao seguinte percurso: *vossa mercê/ vosmicê / você/ (o)cê*. Portanto, as formas “*ocê*” e *cê* são muito usadas em estilos não monitorados por todos os brasileiros.

Na página 234, o livro didático define a variação semântica como todo conjunto constituído por palavras que em função do contexto, tem em comum o mesmo significado geral, por conseguinte, cita alguns exemplos para definir o termo “*morrer*” sendo eles *lbater as botas/falecer/findar/descansar/vestir o paletó de madeira e encontrar-se com Deus*.

Neste mesmo sentido, os estudantes contribuintes com a pesquisa para efetivação deste trabalho, trazem em suas falas um conjunto de palavras com o mesmo significado para definir o termo “*entregar alguém*”, sendo eles *ldedo-duro/ /cabrita/, /cacoete/ e /x9/*.

Na página 239, o mesmo define a variação estilística como as diferentes possibilidades de usar a linguagem para revelar nosso mundo psíquico, ou seja, uma linguagem que nos possibilita exprimir não só nossa compreensão de mundo (ideias, conceitos e opiniões), mas, também nosso mundo psíquico (emoções ou estado de espírito).

De acordo com Bagno (2007, p. 45), a variação estilística não ocorre somente no modo de falar dos diferentes grupos sociais e ou comunidades, ela se mostra no comportamento linguístico de cada falante, ou seja, no modo de falar mais

ou menos consciente, conforme maior ou menor formalidade, tensão psicológica ou mesmo pressão por parte dos interlocutores e do ambiente, ao que tende exigir do falante certa atenção e controle emocional.

Neste sentido, os estudantes contribuintes com esta pesquisa afirmam em suas falas que, a gíria é um comportamento linguístico que independente da ocorrência do grau de monitoramento, ela faz parte dos diferentes tipos e aspectos ao qual o falante se relaciona, bem como dentre os fatores (idade, grupo social, situação de comunicação, assunto ou época).

Eles fazem referências a alguns cantores famosos do rap de São Paulo e jornalistas da rede Record de televisão, bem como o repórter do Balanço Geral (Geraldo Luiz), do Programa Cidade Alerta (Marcelo Resende), que embora, a situação específica em que eles realizam o ato de comunicação necessite um alto grau de monitoramento, eles falam muitas gírias e outras variações consideradas como erro.

Eles fazem referências também à atual Presidente da República que, embora, tenha sido eleita para representar o povo brasileiro, ela não tem liberdade de fala, pois recebe todo o seu discurso escrito pela sua assessoria de imprensa que faz adequações de acordo com a norma padrão para as situações específicas. Entretanto, no seu cotidiano ela certamente, utiliza-se de uma linguagem mais descontraída e espontânea, pois, a variedade denominada não padrão ou (popular) é a utilizada pela maioria absoluta das pessoas em suas relações diárias, de maneira espontânea e informal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando analisar de que modo o livro didático de Língua Portuguesa aborda os conceitos da sociolinguística, e também analisar as variações linguísticas através das expressões orais dos estudantes contribuintes para a realização deste trabalho e dos conceitos que eles trazem sobre a sociolinguística e das variações linguísticas pesquisadas, bem como, dos estudos por mim aprofundados sobre os conceitos à luz da sociolinguística, tornou-se absolutamente claro, que toda língua é plenamente aceita.

Verifica-se que os estudantes têm uma viva consciência de que as variações linguísticas precisam e devem ser valorizadas e reconhecidas e que os mesmos dispõem de uma encantadora diversidade linguística, pois em suas falas ocorrem variações em todos os níveis da fala.

Justamente pelo caráter heterogêneo, instável e mutante das línguas e que a ideia de que certas variedades são mais prestigiadas e mais estigmatizadas, mais feias e mais bonitas, isto é mero fruto de avaliações preconceituosas e do precipitado julgamento de uma sociedade, decorrente das relações discriminatórias de poder.

Pois, toda sociedade falante, independente do seu lugar de origem, idade, sexo, posição socioeconômica, ascensão social ou até mesmo o grau de escolaridade, possuem, com liberdade, variações linguísticas.

Proponho que este trabalho tenha uma grande contribuição para o ensino de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Vale da Esperança, no sentido de fazer-se, conhecer, reconhecer, conscientizar e valorizar as variações linguísticas locais sem desconsiderar o ensino da norma padrão, podendo também ser utilizado como fonte de pesquisa acerca da sociolinguística.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília. [et al.]. **Novas palavras, nova edição**. São Paulo: FTD, 2010.-1. ed – (Coleção novas palavras, nova edição; v. 1).
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. CAGNÉ, Gilles. STUBBS, Michael. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (tradução Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2002.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2012.
- MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Educação do Campo e políticas públicas no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais do campo na instituição de políticas públicas e a Licenciatura em Educação do Campo na UnB**. Brasília: Líber Livro; Faculdade de educação/ Universidade de Brasília, 2012.
- SOUSA, Rosineide Magalhães; Vellasco, Ana Maria Sarmiento. **Língua Materna II**. Brasília: UnB, 2007.

## APÊNDICES

### TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DAS PESSOAS PESQUISADAS A PARTIR DO QUESTIONÁRIO:

(P1) Eu me chamo Lâris Flávio Barbosa tenho 25 anos meus pais são de Minas mais sempre moraro em Formosa.

(P2) O que eu mais gosto do lugar onde vivo é da chacra do riu da iscola tamém.. não num gosto do lanche igual você não(risos)respondendo á pergunta do colega Paulo Edmilson. É mermo igual em Formosa.. direto tem morte todo dia cê ouve de morte(complementando a fala da colega Natália).

(P3) Gosto da iscola ... pur'que .. é uma fonte assim.. que a'gente tem.. tem qu'istudá pra sê alguém na vida pra tê alguma coisa..pá aprendê (risos).. dos professores dos alunos (risos)dos meus amigos todos... (risos) maguei não Jôris  
**{dirigindo-se ao colega}**

(P4) Eu pretendo terminá meu insino médio fazer uma faculdade isso só.. arrumá um bom imprego.

(P1) Meu nome é Edênia Ferreira de Souza 15 anos nasci em Formosa e meus pais são de Minas.

(P2) É gosto do riu tho'vê.. só.. e da escola tamém e do lugá que é mei calmo sei lá .. ah num sei não psora num sei.. pu'caz que eu gosto do lugá.

(P3) Pur'que eu gosto da iscola (risos) gosto pur'quê.. pur'caz dos colegas e dos professores e.. pur'quê os professores insina bastante a'gente .. e é só isso.. ÉÉÉ tamém gosto do professô João.

(P4) O quê p'sora..O QUÊ? Ué faculdade e só.. (risos) quais os sonhos?É fazê faculdade e sê veterinária só isso (risos) é só isso mermo.

(P1) Natália neves de Souza é 15 nasci em Formosa mi'a mãe tamém é de Formosa morava em Formosa meus pais são de Formosa (Risos) ah mi'a mãe é de Minas.

(P2) Gosto do riu.. da iscola tempo de manga dar manga.. que dá alimento pra nós né? Dos amigo e do lugá tamém né que é muito calmo os assentamento né que num é muito movimentado né e num acontece briga.. muitas não tipo em Formosa ,o povo daqui morre só de ve'ice mermo.

(P3) Pur'quê mermo q'eu gosto da iscola?Eu gosto da iscola..tem que gostá né der'de.. foi a primera iscola de toda mi'a vida (risos) hã? Não uá tem que gostá num tem ôtra opção...eu gosto da iscola pur'quê pur'caz k'aqui é tipo uma família já né..conheço todo mundo tipo uz'colega da sala mermo o Kalebe o tripi'a.. hã? Não ué eu conheço ocêis der'de do pré...(Risos) aí então vai se apegano né aí fica difícil... aí p'ssora.. eu gosto da iscola eu num sei isplícá.. pur'quê só tem uma iscola q'eu istudei foi essa né aí então vai se apegano né é a premera iscola da m'ia vida e aqui tamém sê muito calmo.

(P4) Eu vô fazê faculdade trabaiá né e casá (risos)tê m'ia casa aí eu vô pensá em tê filho.

(P1)Jéssica Pereira da Silva...15 anos é.. eu moro no P.A. Florinda.. é nasci em Formosa..meu pai é de Minas e mi'a mãe é Brasiliense.

(P2) Eu p'sora..eu gosto do riu igual todo mundo da paiz e do sussego pur'quê aqui é diferente de Formosa que l'a tem muito carro muito barui'o e confusão gosto da paisage e dos amigo assim sabe pur'quê eles são meio atentados mais eu gosto deles e é só.

(P3) Eu? eu gosto da iscola pur'quê.. todo mundo aqui é muito bacana..num to falano d'ocê não viu?(risos) referindo-se ao colega. Todo mundo aqui é muito legal.. aí eu mudei pra cá faiz poço tempo mais...eu conheço aqui a maioria já faiz um certo tempo.. e de'rde que eu mudei pra cá todo mundo viro meu amigo assim e eu gostei.



(P4) Eu pretendo quando sair da iscola fazê mi'a faculdade de medicina consegui o meu consultório próprio casá é claro qualqué um qué casá .

(P1) Meu nome é Rodrigo de Sousa Alves tenho 16 anos moro no P.A. Florinda meu pai é de Pirinópolis e mi'a mãe é de Luziania.

(P2) Eu gosto da chacra éé gosto tamém dos frutos do cerrado na época e gosto tamém do riu é só.

(P3) Eu gosto da iscola pur'quê criamos uma família aqui.. e si conhecemos derde sei lá o quê mermo.. derde o insino fundamentele pur'quê tem vários projetos qui tamos desenvolveo esse anu cu'm parcerias cu'm grandes faculdades UnB e .. só num gosto muito do insino mais ta bom.

(P4) Eu pretendo sê ingenero civil passá numa facudade e é só isso.

(P1) Meu nome é Jóris Oliveira da Silva.. tenho 16 anos morava em Formosa meu pai é minêro m'ia mãe é goiana e eu moro no P.A. Florinda só isso.. eu nasci em Formosa.

(P2) Eu gostu das frutas do cerrado.. eu gostu (risos) do piquí.. e é só isso.. eu achu que é só isso.

(P3) Eu gostu da iscola.. eu gostu da iscola pur'quê aqui cê tem amigos de verdade aqui é legal é um bom passatempo pur'quê num fim de mundo desse aqui num tem muitos lugares pa'ir.. é bom tch'ovê .. eu gostu pur'quê aqui cê pode jogá bola pode distrair a cabeça um pôco pur'quê em casa a'gente faiz mais é trabaiá pra ajudá os pais aí agora na iscola a'gente se diverti conhece os amigos aprende bastante aqui eu mermo aprendi bem mais du'quê em Formosa de onde eu istudava e tch'ovê.. tem até esse cara aqui que tá do meu lado que é um pé no saco mais tá de boa (risos) gostu dele tamém .. eu achei que num ia gostá da iscola não pur'quê quando eu morava em Formosa aí.. tinha nove anos q'eu morava em Formosa achei q'ia chegá aqui q'num ia gostá q'ia sê um pé no saco mais aqui tive tipo amigos de verdade pa'gente conversá falá q'nem Sebastião conheci a realidade da iscola

primêro dia de aula aí eu fiz amizade c'um todo mundo tem uns q'num vai cu'a mi'a cara mais eu nem ligo eu gostu deles do mermo jeito e é bom eu gostu muito da iscola já tinha istudado aqui uma veiz e voltei pra cá agora e é só isso.

(P4) Eu quando saí da iscola eu quero fazê uma facudade de engenharia civil e quero tamém como todos aqui eu quero tê meu próprio iscritório meu próprio local p'eu trabaiá .. eu quero pelo menos dá alguma coisa p'us meus filhos que meu pai num pôde me dá quand'eu era menó uma vida melhó as coisa melhó p'eles que meu pai num teve condição num teve istudo mais eu quero fazê uma facudade pra exatamente isso podê dá alguma coisa melhó pr'os meus filhos só isso.

(P1) Meu nome..Paulo Edmilson ééé Paulo Edmilson Cipriano Júnior ééé eu nasci em Brarlândia Brasília ééé m'ia mãe ela é de Minas e meu pai.. ele nasceu em Ceres só q'aí c'um anu de idade ele foi pra Brarlândia aí ele foi lá c'um a família toda e eu tenhu 15 anos bunitu e cherôso como sempre.. eu ah eu moro no P.A. Brejão e morava em Brarlândia e nasci em Brarlândia tamém.

Cê tem quantus anos?**{dirigindo-se ao colega Sebastião}**

E do lanche?**{dirigindo-se á colega Lâris}**

E de trabaiá cê num gosta não né?**{dirigindo-se ao colega Rodrigo}**

(P2) É primêro eu gostu da chacra .. gostu da onde eu moru gostu de jogá bola tamém né quando tô em casa..gostu de istudá tamém.. gostu de trabaiá e ganhá dinhêro.. gostu d'vim pra iscola gostu de sê solidário cu'meus amigus.. fazê trabalhu comprá bali'a .. arrumá as salas tudo ééé brincá lá fora jogá bola lanchá o lanche da iscola que é muito equis'celente e é isso aí.. ar fruta tamém o arroiz c'um frangu salada e batata doce.

(P3) Eu? Eu gostu da iscola pur'quê é muito bom né pu'caz do lanche principalmente pur'quê a'gente vem pra iscola a'gente istuda né e a'gente joga muita bola né e das merendêra q'eu gostu tamém gostu do lanche gostu das professora tamém das menini'a tamém tem uma gati'as aí né tem tamém uns

professô muito bacana ééé e altas coisa aí né quia'gente vai aprendeno na iscola aí né?

AH eu gostu da iscola tamém pur'quê quando eu entrei nessa iscola aqui né achei q'ia sê maió páia achei q'ia apanhá duz'minino pa'depois todo mundo gostá d'mim depois todo mundo gostô sem mim batê. (risos)

(P4) Eu vô sinti muita falta da iscola do lanche só que simplesmente eu vô tê que sair daqui aí lá fora eu vô fazê uma facudade né.. é se eu não for um professo pa'dá aula aqui nessa iscola né eu vô sê canto ou intão eu quero sê veterinário de cachorro de cavalo aí eu quero sê tipo um veterinário aí eu quero montá meu próprio consultório aqui na chakra né aí pur'quê se as pessoas precisá né aí tem um consultório aqui mais perto aí ez me chama aí eu vô lá faço o serviço né cobru bem caro dez pá largá de sê trôxa né pur'quê hoje quando ez vai pagá minha diária qué pagá barati'o o sirviço é de gente grande só que ez qué pagá de mei dia de sirviço aí eu vô cobrá caro dez tamém se ez tive vivo até lá.

(P1) Meu nome é Sebastião Araújo dos Santos.. tenho 15 anos moro na fazenda Abadia.. nasci em Formosa.. mi'a mãe é de Brasília ela é Brasiliense meu pai é de Formosa.. morei a vida toda na fazenda.

(P2) eu gostu dos verde da chakra du riu de vê os pássarus cantano e de andá de cavalo.

(P3) Eu gostu da iscola pur'quê.. pur'queu conheci muitas pessoas novas.. velhas tamém e aqui eu conheci muitas pessoas interessantes q'eu num conhecia antes.. eu vim pra cá esse anu e no primero dia de aula eu já fiz amizade c'um mais da metade da iscola.. e assim todo mundo da iscola e todo mundo q'eu conheci aqui foi.. tirano alguns foi amizade assim q'eu gostei e q'sempre .. igual amizade lá fora q'eu num tinha aquí eu aprendi á tê consegui tamém dos professorese das pessoas que convive na iscola que todo mundo q'cê chegá aquí quizé convesá cê pode tê opções de convesá e era só isso.

(P4) Eu.. saí daqui eu pretendo voltá pra casa (risos) e.. quando eu terminá de istudá aquí eu pretendu prestá prova pro instituto de engenharia militá e formá e tê

um trabalho digno e ou intão fazê uma prova pra conseguí até sê sargento ou general militá.

#### ANÁLISE DOS CONCEITOS LINGUÍSTICOS:

Nas transcrições á seguir, pretende-se analisar o vernáculo dos colaboradores desta pesquisa, bem como mostrar os conceitos que os mesmos trazem sobre a língua, a partir da análise de dois textos extraídos do livro didático nas páginas 221 e 224, sendo classificados como primeiro e segundo texto:

##### 1º TEXTO:

... – Colé de mermo broder?

-É niúma!!!

-Vô pro reggae, ta ligado?... vô cume água com os cara!!

-Vá nessa, véi!

-Falô maluco.

(extraído do site [HTTP://formato híbrido. zip. net.](http://formato.hibrido.zip.net))

#### RESPOSTAS OBTIDAS QUANTO AOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS APRESENTADAS NO TEXTO:

Rodrigo: É tipo..Esse modo de falá é de classes de pessoas que curti mais o Rap veio de uma classe que vive na periferia.

Jóris: É..Assim a'gente tem a nossa própria gíria daqui ocê ta ouvino falano tipo: E aí véi e essas coisas assim aí é mais ou menos isso é a sua convivência .. Pelo q'eu ouvi ai deve sê dois caras que curte Rap e que nasceu na periferia ai ta ai: Colé podes crê é coisa de periferia.. Na verdade a'gente já adquiriu isso.. Os jovens de hoje em dia já fala bastante gírias e muitos velhos tamém já fala gíria.

Paulo Edmilson: Só que tem muitos que eu acredito assim.. Que tem uns que fala assim pur'caz de onde nasceu né ai tem muitos que qué se aparecê essas coisa.. Ai fica falano essas coisa assim pá dizê que vêi da periferia né.. Az'veis nem vêi az'veis fala assim só pá aparecê no meio das pessoas.

Jóris: É a classe mais baixa mermo que fala desse jeito pur'quê a classe média alta já sempre qué falá mais bunitu pra querê achá que é mais rico de quê oz'ôtros.. Ai a'gente é bem pobre ai a'gente já pegô a gíria pur'quê num tinha ôtra coisa ôtro meio de convivência.

Paulo Edmilson: A'gente se apega pur'quê.. Os ricos tem algo no que se apegá né tem dinhêro tem lugares chiques q'ez vai né aí ez tem que se apegá numa fala pra ez podê ir e nós não.. Da onde que nós vêi nós vai e o pau quebra. {Risos}

Rodrigo: Eu achu que a'gente ti'a então que cada veiz procurá buscá mais conhecimento sobre as coisa pra cumeçá vivê nesse meio pur'quê nós num pode deixar que só os ricos fala bunitu fala o português certo nós tamém tem condições de falá o português certu e se ez fala o português certu é pur'quê ez buscaru informação num é pur'quê ez é rico.. Nós tem como buscá informação tamém nós tem livru de português tem gramática e vários meio de buscá.

Marco-Aurélio: Eu acho que num tem só um jeito de português correto tem vários.. Pur'quê se'ocê fala d'um jeito na sua cidade aquilo lá correto e na minha num pode sê.

Natália: No Mato Grosso nós ficava coretano d'ez pur'quê e'z puxava o R.. Nós falava q'ez martigava o R.. Falava porita eu falo porta. {Risos}

Jóris: É igual eu falei no pronunciado num tem o certo agora na iscrita tem que tomá cuidado.

Paulo Edmilson: Eu já istudei c'uma baiani'a véi na ôtra iscola o jeito dela falá assim toda vês q'ela falava uma palavra assim eu ria pur'cas do jeito dela falá né que é diferente do nosso né aí a'gente acha bem ingraçado.

Sebastião: É igual lá no Rio de Janeiro mez'm as pessoa.. Lá todo mundo da classe baixa quem mora na favela até quem mora na.. Lá pertu do calçadão todo

mundo fala gíria isso vem de.. Faiz tempo já é a cultura.. A cultura d'ez lá é essa.. Igual em São Paulo mez'm todo mundo a maioria das pessoas que mora em São Paulo fala gíria.

Natália: Quem já assistiu aquele jornalista que passa na Record?.. Resende é que fala corta pra mim..ele tava mostrano uns pulicial que tava bateno nuns bebo lá aí na hora q'ele tava filmano aí quando ele filmo né.. Ele mermo fala tudo errado.. É o Resende ele fala tudo errado é muito ingraçado.

Jóris: É igual o Geraldo lá do balanço geral ele tamém é um jornalista que fala mais gíria.. É se ocê prestá atenção nele ele fala bastante gíria e fala bastante errado tamém.

Sebastião: É igual lá em Piricituba.. É lá daquele lugá lá de onde vem a maioria dus canto de rap de São – Paulo vem de lá intão um bucado de gente famoso tamém vem de lá aí pur'caz da cultura cumeça falá gíria essas coisa intão eu acho que acostuma a pessoa a falá gíria derde pequeno cresce cu'm aquela cultura e num tem como mudá pur'quê é a cultura e é normal e acostuma mermo.

Jéssica: É pur'quê é mania uaitchê é do gaúcho.

Kalebe: Uai é do Goiás e tchê é do gaúcho. {Risos}Uai é do Goiás e de Minas é igual quêjo.

Jéssica: Tem uma minina aqui que fala muito uai aquela.. cu'mé que é mermo o nome dela? É uma do cabeli'o.

Jóris: Eu na verdade falo bastantes tipos de fala de formas diferentes pur'quê tenho muitos amigos.. Tem os amigos do meu pai que é gaúcho tem uns que é minêro tem um bucado de gente aí já tem sangue de minêro c'um baiano junto aí vira uma mistura doida aí eu falo bastante coisa diferente eu falo uai essas coisa a'gente acostuma.

Sebastião: A'gente que conhece muita gente assim de fora igual eu conheço gente de Sobral do Ceará de Alagoas do Pará..lá no Pará lá se ocê chegá e conversá c'as pessoas assim cum'ôtros da terra tamém ocê num intendi.. De

Tocantins mermo tem gente que mora em São José aí ocê vai conversá cu'ele aí ocê pergunta d'onde cê é? Ele responde sô de TO.. de TO da onde? De Tocantins.

Jóris: É igual aquela repórter lá do domingo espetaculá.. ela é.. aquela do domingo espetaculá lá que sai á procura de todo mundo lá no Nordeste né.. achu q'ela é nordertina ela é massa véi ela tem uma vóiz cabulosa.

Paulo Edmilson: Du jeitu q'ela fala.. eu achu q'ela num fala daquele jeito tudo não é pur'queu achu q'ela..

Natália: Né isso não é pur'quê ela é nordertina mermo.

Paulo Edmilson: hãm ah é? Eu achava q'ela falava assim era pur'quê tipo pur'caz do trabalho dela aí ela ti'a que aprendê falá daquele jeito.

Sebastião: Ué agora pur'quê ela vai trabaiá num lugá ela tem que iscondê a cultura dela?uai pur'quê a pessoa vai prum lugá ela.. é necessário ela iscondê a cultura invêis de levá a cultura pra fora e mostrá q'ele tem orgulho da cultura dela? Se ocê fô no Nordeste lá é todo mundo que fala assim..todo lugá que ocê fô ez sempre vai falá a merma coisa muda só d'uma região pra ôtra.. tipo alguma gíria que tem.. Se ocê fô procurá no Google mermo os modo linguístico da região tal ocê vai vê que tem coisa que cê vê lá quando cê vai vê o significado é muito diferente.

Láris: O que significa macaxera?{dirigindo-se ao colega Sebastião}

Jóris: macaxeira é aipim e é o mermo que mandioca.. pra gente aqui é mandioca acho que no Ceará é macaxeira e tem ôtro lugá lá que chama aipim.. esses trem é cabuloso né?

Marco-Aurélio: É igual uma mulhé lá em Formosa.. ela chama Geralda.. ela vai falá celular ela fala celula.

Natália: Mi'a irmã fala frô em vêis de flor... é frô é framengo.

Paulo Edmilson: Saguad'im.. esse aqui fala é saguad'im.. mais me dá uma enrola no cerebro moço quand'eu vejo ele falá saguad'im é mó isquisito moço.. no

dia que nós foi lá ele disse: \_ É vô comprá um saguad'im.. Aí eu falei: \_ Saguad'im o que é isso saguad'im? É salgadi'o moço aí o bicho fala saguad'im.

Sebastião: Todo mundo em Formosa que cê fô andá num lugá cê vê que a pessoa fala diferente.. Todo mundo fala diferente né.

Láris: Natália é cabrita professora.

Marco-Aurélio: cabrita é cacoete.

Natália: cacoete é x9.

Kalebe: E x9 é o mermo que dedo duro.

## 2º TEXTO:

### VÍCIO NA FALA

Para dizerem milho, dizem mio

Para dizerem melhor, dizem mio

Para dizerem pior, dizem pio

Para dizerem telha, dizem teia

Para dizerem telhado, dizem teiado

E vão fazendo telhados.

(Oswald de Andrade, 2003 p.119)

Pergunta: O autor está censurando, isto é, criticando as pessoas á quem ele se refere no texto, isto revela respeito ou preconceito com elas? Por quê? Justifique sua resposta.

Láris: Eu achu que é preconceito pur'quê.. tá censurano o jeito das pessoas falá az'veis num é pur'quê ela não sabe é pur falta de conhecimento.. é az'veis né tem gente que gosta de falá errado pur falá mermo..(risos)



Natália: Pur'quê é ma'r bunitu... É preconceito pur'quê num é pur'quê fala certo aí vê uma pessoa falá errado aí cê acha que é mió.

Rodrigo: Eu achu tamém que tá criticano pur'quê pode sê igual a Lâris falô pode sê falta de informação de conhecimento pu'quê tal'veis num istudô..assim.. pur'quê eles num tem uma formação é.. num istudô e tem só o insino fundamental da 1ª á 4ª séri incompletu e achu que é isso..é é um preconceito.. nu meu jeitu de pensá eu achu que isso vai pelo intendê da pessoa se eu falei e ela intendeno num vai precisá eu falá bunitu ou falá certo ou falá errado intão ela intendeno é o que basta.

Jéssica: Pode sê que sim pode sê que não pur'quê ninguém ta na pele dele p'a sabê se ele tá criticano ou elogiano pur'quê se a'gente lê o texto e não compreendê ele direito pode sê que a'gente fala que ta criticano pur'quê ele ta falano que as pessoas fala errado mas pode sê que ele esteja elogiano tamém pur'quê falá certo e falá errado num tem ninguém hoje em dia que num fala errado pelas regras todo mundo fala errado todo mundo fala ma'r mió num fala mais melhor e num se pode falá mais pio ou mais mió.. fala-se pior ou melhor viu? Todo mundo fala errado então eu achu que ninguém pode criticá ninguém hoje em dia pur'quê fala errado pur'quê todo mundo fala errado uma hora ou ôtra.

Paulo Edmilson: Eu acho que tipo assim..num existe o falá certo e o falá errado.. existe o jeitu que a pessoa aprendeu falá de onde a pessoa vêi onde nasceu... é cê nasce numa fam'ia que todo mundo é ricu chique essas coisa cu'mé q'ocê num vai falá tudo grã-fino..num vai falá tudo certi'm aí cê vai nasce numa periferia pur'exemplu num local assim aí cê vai aprendê falá de ôtro jeitu q'ocê num sabe falá?aí já num existe o falá certu e falá erradu existe de onde a pessoa vêi e onde ela aprendeu falá.

Sebastião: É tamém da colocação da pessoa né pur'quê na língua portuguesa num tem como cê falá certu pur'quê ela tem muita regra.

Jóris: Na verdade todú mundo sabe que nu pronunciar num importa o certu e erradu agora na escrita sim existe o modo certu e o erradu de se iscrevê .. agora nu pronunciar é normal.

Sebastião: Não mais depende se ocê fô prum imprêgo cê vai tê que falá correto intão se ocê falá pu'ma pessoa assim..ocê faiz isso ou ocê faiz aquilo é.. a pessoa já vai falá q'ocê num serve p'aquilo nem olha pu'quê ocê faiz se ocê tem qualificação ou não ela vai olhar do jeitu que ocê se comporta.

Jóris: É igual quem nasceu e cresceu na zona rural todo mundo tem um jeitu de falá..é roça esses trem assim.. agora quem nasce na cidade em meio a convivência mais elevada assim e tem bons istudo aí fala tudo diferente mais corretamente.

Rodrigo: Eu acho que é a ocasião da pessoa igual ele falô.. vai pela cultura quem nasce em roça ou quem nasce numa cultura ram'bora dizê no Rio Grande do Sul.. cada um puxa seu..seu sotaque e aquilo muda o português.. pur'quê o português é um só. Igual nós que nasceu na zona rural.. muitos de nós aprende a falá trabaiá..acho que tamém vai da ocasião tipo vô falá c'uma presidenta Dilma ou tipo tô no meio d'uma reunião ali eu tenhu que..acho que.. no meu modo de falá eu achu que eu tenhu que procurá aquelas palavras que vai sê adequadas de falá cu'ela é igual o Sebartião falô.. eu vô tá no meiod'um imprego intão eu vô tê um modo de falá adequadu pr'aquelo meio de imprego pur'quê se eu chegá lá falano errado é.. vai me disclassificá pur'quê vai pensá que eu sô analfabetu mais no dia a dia todo mundo fala errado ninguém consegue falá certu o tempu todo.

Paulo Edmilson: Eu acho assim q'ela é um suporte pra nós ela representa nós **{referindo-se á Presidente da República Dilma Roussef}** mais até a fala dela são feita né intão eu acho q'ela num tem aquela liberdade d'ela dá uma sugestão d'ela fazê alguma coisa achu assim.. que tudo é feito em beneficiu pra nós.. é tipu nós que pede aí ela vai lá e resolve.. tipu o trato cu'ôtros país e essas ôtras coisa..Ela só é um meio só é um suporte assim ..é pra sociedade aí toda a fala dela os negóc'os tudo já vem feito pur'isso que a'gente az'veis pensa que q'ela ta falano certi'o tá falano buniti'o só já vem tudo iscrito já né. **{referências ao curso de oratória e a análise do discurso}**

Láris: É verdade já vem tudo corrigido né? Eu acho assim que as pessoas quandu tá assim pur'exemplu: a'gente tá tudo aqui no meio da gente a'gente fala tudo errado mais se a'gente fô numa prefeitura n'algum órgão mais assim a'gente

vai tê que escolhê as palavra e corrigi melhó pra podê conversá. **{a aluna faz referências ao grau de monitoramento}**

Rodrigo: Eu achu que o português veio tamém pra mostrá como que a'gente deve se comunicá com cada pessoa de cada classe social.

QUESTIONÁRIO ELABORADO COMO FONTE DE PESQUISA PARA REALIZAÇÃO DESTE TRABALHO MONOGRÁFICO:

Pergunta nº 01:

Nome, idade, onde nasceu, onde mora atualmente, onde morava antes de se mudar para o assentamento e de onde os pais são?

Pergunta nº 02:

O que mais gostam do lugar onde vivem?

Pergunta nº 03:

Você gosta da escola e por quê?

Pergunta nº04:

O que pretendem fazer quando saírem da escola?